"Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes
me e fazer de mim o que quiserdes." Deu

MINISTÉRIO DA CULTURA

Fundação Biblioteca Nacional

Departamento Nacional do Livro

AMERICANAS

Machado de Assis

...filha melhor do Eterno, América!

G. Dias, *Timb., c. III.*

POTIRA

***

...Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar: resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica:

“Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiserdes.” Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

Vasc. *Chr. da Companhia de Jesus*, liv 3º

2

POTIRAi

Se, poi ch"a morte il corpo le percosse,

Desse almen vita alla memoria d"ella.

ARIOSTO, *Orl. Fur.*, c. XXIX, est. XXXI I

Moça cristã das solidões antigas,

Em que áurea folha reviveu teu nome?

Nem o eco das matas seculares,

Nem a voz das sonoras cachoeiras,

O transmitiu aos séculos futuros.

Assim da tarde estiva às auras frouxas

Tênue fumo do colmo no ar se perde;

Nem de outra sorte em moribundos lábios

A humana voz expira. O horror e o sangue

Da miseranda cena em que, de envolta

Co"os longos, magoadíssimos suspiros,

Cristã Lucrécia, abriu tua alma o vôo

Para subir às regiões celestes,

Mal deixada memória aos homens lembra.

Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,

Nem tua campa o brasileiro os sabe.

II

Já da férvida luta os ais e os gritos

Extintos eram. Nos baixéis ligeiros

Os tamoios incólumes embarcam;

Ferem co"os remos as serenas ondas

Até surgirem na remota aldeia.

Atrás ficava, lutuosa e triste,

A nascente cidade brasileira,ii

Do inopinado assalto espavorida,

Ao céu mandando em coro inúteis vozes.

Vinha já perto rareando a noite,

Alva aurora, que à vida acorda as selvas,

Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos

Da expedição noturna. À praia saltam

Os vencedores em tropel; transportam

Às cabanas despojos e vencidos,

E, da vigília fatigados, buscam

Na curva leve rede amigo sono,

Exceto o chefe. Oh! esse não dormira

Longas noites, se a troco da vitória

Precisas fossem. Traz consigo o prêmio,

O desejado prêmio. Desmaiada

Conduz nos braços trêmulos a moça

Que renegou Tupã,iiie as velhas crenças

Lavou nas águas do batismo santo.

Na rede ornada de amarelas penas

Brandamente a depõe. Leve tecido

Da cativa gentil as formas cobre;

Veste-as de mais a sombra do crepúsculo,

Sombra que a tíbia luz da alva nascente

De todo não rompeu. Inquieto sangue

3

Nas veias ferve do índio. Os olhos luzem

De concentrada raiva triunfante.

Amor talvez lhes lança um leve toque

De ternura, ou já sôfrego desejo;

Amor, como ele, aspérrimo e selvagem,

Que outro não sente o herói.

III

Herói lhe chamam

Quantos o hão visto no fervor da guerra

Medo e morte espalhar entre os contrários

E avantajar-se nos certeiros golpes

Aos mais fortes da tribo. O arco e a flecha

Desde a infância os meneia ousado e afoito;

Cedo aprendeu nas solitárias brenhas

A pleitear às feras o caminho.

A força opõe à força, a astúcia à astúcia.

Qual se da onça e da serpente houvera

Colhido as armas. Traz ao colo os dentes

Dos contrários vencidos. Nem dos anos

O número supera o das vitórias;

Tem no espaçoso rosto a flor da vida,

A juventude, e goza entre os mais belos

De real primazia. A cinta e a fronte

Azuis, vermelhas plumas alardeiam,

Ingênuas galas do gentio inculto.

IV

Da cativa gentil cerrados olhos

Não se entreabrem à luz. Morta parece.

Uma só contração lhe não perturba

A paz serena do mimoso rosto.

Junto dela, cruzados sobre o peito

Os braços, Anagê contempla e espera;

Sôfrego espera, enquanto idéias negras

Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe

A mente de projetos tenebrosos.

Tal no cimo do velho Corcovado

Próxima tempestade engloba as nuvens.

Súbito ao seio túrgido e macio

Ansiosas mãos estende; inda palpita

O coração, com desusada força,

Como se a vida toda ali buscasse

Refúgio certo e último. Impetuoso

O vestido cristão lhe despedaça,

E à luz já viva da manhã recente

Contempla as nuas formas. Era acaso

A síncope chegada ao termo próprio,

Ou, no pejo ofendida, às mãos entranhas

A desmaiada moça despertara.

Potira acorda, os olhos lança em torno,

Fita, vê, compreende, e inquieta busca

Fugir do vencedor às mãos e ao crime...

Mísera! opõe-se-lhe o irritado gesto

Do aspérrimo guerreiro; um ai lhe sobe

4

Angustioso e triste aos lábios trêmulos,

Sobe, murmura e sufocado expira.

Na rede envolve o corpo, e, desviando

Do terrível tamoio os lindos olhos,

Entrecortada prece aos céus envia,

E as faces banha de serenas lágrimas.

V

Longo tempo correra. Amplo silêncio

Reinou entre ambos. Do tamoio a fronte

Pouco a pouco despira o torvo aspecto.

Ao trabalhado espírito, revolto

De mil sinistros pensamentos, volve

Benigna calma. Tal de um rio engrossa

O volume extensíssimo das águas

Que vão enchendo de pavor os ecos,

Vencendo no arruído o vento e o raio,

E pouco a pouco atenuando as vozes,

Adelgaçando as ondas, tornam mansas

Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,

Para tomar nos braços a formosa

Por cujo amor incendiara a aldeia

Daquelas gentes pálidas de Europa.

Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto, O rosto inda de lágrimas molhado,

Do coração estas palavras solta:

“— Lá entre os meus, suave e amiga morte,

Ah! porque me não deste? Houvera ao menos

Quem escutasse de meus lábios frios

A prece derradeira; e a santa bênção

Levaria minha alma aos pés do Eterno...

Não, não te peço a vida; é tua, extingue-a;

Um só alívio imploro. Não receies

Embeber no meu sangue a ervada seta;

Mata-me, sim; mas leva-me onde eu possa

Ter em sagrado leito o último sono!”

Disse, e fitando no índio ávidos olhos,

Esperou. Anagê sacode a fronte,

Como se lhe pesara idéia triste;

Crava os olhos no chão; lentas lhe saem

Estas vozes do peito.

“Oh! nunca os padres

Pisado houvessem estas plagas virgens!

Nunca de um deus estranho as leis ignotas

Viessem perturbar as tribos, como

Perturba o vento as águas! Rosto a rosto

Os guerreiros pelejam; matam, morrem.

Ante o fulgor das armas inimigas

Não descora o tamoio. Assaz lhe pulsa

Valor nativo e raro em peito livre.

Armas, deu-lhas Tupã novas e eternas

Nestas matas vastíssimas. De sangue

Estranhos rios hão de, ao mar correndo,

Tristes novas levar à pátria deles,

Primeiro que o tamoio a frente incline

Aos inimigos peitos. Outra força,

5

Outra e maior nos move a guerra crua;

São eles, são os padres. Esses mostram

Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,

Sereno o rosto e as brancas mãos inermes;

Ordens não trazem de cacique estranho,

Tudo nos levam, tudo. Uma por uma

As filhas de Tupã correm trás eles,

Com elas os guerreiros, e com todos

A nossa antiga fé. Vem perto o dia

Em que, na imensidão destes desertos,

Há de ao frio luar das longas noites

O pajé suspirar sozinho e triste

Sem povo nem Tupã!”

6

VI

Silenciosas

Lágrimas lhe espremeu dos olhos negros

Esta lembrança de futuros males.

“— Escuta!” diz Potira. O índio estende

imperioso as mãos e assim prossegue:

“— Também com eles foste, e foi contigo

Da minha vida a flor! Teu pai mandara,

E com ele mandou Tupã que eu fosse

Teu esposo; vedou-mo a voz dos padres,

Que me perdeu, levando-te consigo.

Não morri; vivi só para esta afronta;

Vivi para esta insólita tristeza

De maldizer teu nome e as graças tuas,

Chorar-te a vida e desejar-te a morte.

Ai! nos rudes combates em que a tribo

Rega de sangue o chão da virgem terra

Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado

Teu nobre vulto esteve. A aldeia toda,

Mais que o teu coração, ficou deserta.

Duas vezes, mimosas rebentaram

Do lacrimoso cajueiro as flores,

Desde o dia funesto em que deixaste

A cabana paterna. O extremo lume

Expirou de teu pai nos olhos tristes;

Piedosa chama consumiu seus restos

E a aldeia toda o lastimou com prantos.

Não de todo se foi da nossa vida;

Parte ficou para sentir teus males.

Antes que o último sol à melindrosa

Flor do maracujá cerrasse as folhas

Um sonho tive. Merencório vulto,

Triste como uma fronte de vencido,

Cor da lua os cabelos venerandos,

O vulto de teu pai”: _*Guerreiro*‘ (disse) ,

_*corre à vizinha habitação dos brancos,*

Vai, arranca Potira à lei funesta

Dos pálidos pajés; Tupã to ordena;

Nos braços traze a fugitiva corça;

Vincula o teu destino ao dela; é tua.‘

“— Impossível! Que vale um vago sonho?

Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita

O amor que Deus protege e santifica:

Mata-me; a minha vida te pertence:

Ou, se te pesa derramar o sangue

Daquela a quem amaste, e por quem foste

Lançar entre os cristãos a dor e o susto,

Faze-me escrava; servirei contente

Enquanto a vida alumiar meus olhos.

Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;

Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!”

Calou-se, e reclinada sobre a rede,

Potira murmurava ignota prece,

Olhos fitos no próximo arvoredo,

* Pomos os versos em itálico para facilitar a leitura, embora o autor assim não os tenha colocado.

7

Olhos não ermos de profunda mágoa.

VII

Ó Cristo, em que alma penetrou teu nome

Que lhe não desse o bálsamo da vida?

Pelo vento dos séculos levado,

Vidente e cego, o máximo dos seres,

Que fora do homem nesta escassa terra,

Se ao mistério da vida lhe não desses,

Ó Cristo, a eterna chave da esperança?

Filosofia estóica, árdua virtude,

Criação de homem, tudo passa e expira.

Tu só, filha de Deus, palavra amiga,

Tu, suavíssima voz da eternidade,

Tu perduras, tu vales, tu confortas.

Nesta sonho iriado de outros sonhos,

Vários como as feições da natureza,

Neste confusa agitação da vida,

Que alma transpõe a derradeira idade

Farta de algumas passageiras glórias?

Torvo é o ar do sepulcro; ali não viçam

Essas cansadas rosas da existência

Que às vezes tantas lágrimas nos custam,

E tantas mais antes do ocaso expiram.

Flor do Evangelho, núncia de alvos dias,

Esperança cristã, não te há murchado

O vento árido e seco; és tu viçosa

Quando as da terra lânguidas inclinam

O seio, e a vida lentamente exalam.

Esta a consolação última e doce

Da esposa indiana foi. Cativa ou morta,

Antevia a celeste recompensa

Que aos humildes reserva a mão do Eterno.

Naquele rude coração das brenhas

A semente evangélica brotara.

VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro

A pior — fê-la escrava; e ei-la aparece

Da sua aldeia aos olhos espantados

Qual fora em dias de melhor ventura.

Despida vem das roupas que lhe há posto

Sobre as polidas formas uso estranho,

Não sabido jamais daqueles povos

Que a natureza ingênua doutrinara.

Vence na gentileza às mais da tribo,

E tem de sobra um sentimento novo,

Pudor de esposa e de cristã — realce

Que ao índio acende a natural volúpia.

Simulada alegria lhe descerra

Os lábios; riso à flor, escasso e dúbio,

Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas.

À voz de seu senhor acorre humilde;

Não a assusta o labor; nem dos perigos

Conhece os medos. Nas ruidosas festas,

8

Quando ferve o cauim,iv e o ar atroa

Pocema de alegria ou de combate,

Como que se lhe fecha a flor do rosto.

Já lhe descai então no seio opresso

A graciosa fronte; os olhos fecha,

E ao céu voltando o pensamento puro,

Menos por si, que pelos outros, pede.

Nem só o ardor da fé lhe abrasa o peito;

Lacera-lho também agra saudade;

Chora a separação do amado esposo,

Que, ou cedo a esquece, ou solitário geme.

Se, alguma vez, fugindo a estranhos olhos,

Não já cruéis, mas cobiçosos dela,

Entra desatinada o bosque antigo,

Co"o doce nome acorda ao longe os ecos,

E a dor expande em lôbregos soluços,

Farta de amor e pródiga de vida,

Ouve-as a selva, e não lhe entende as mágoas.

Outras vezes pisando a ruiva areia

Das praias, ou galgando a penedia

Cujos pés orla o mar de nívea espuma,

As ondas murmurantes interroga:

Conta ao vento da noite as dores suas;

Mas... fiéis ao destino e à lei que as rege,

As preguiçosas ondas vão caminho,

Crespas do vento que sussurra e passa.

IX

Quando, ao sol da manhã, partem às vezes,

Com seus arcos, os destros caçadores,

E alguns da rija estaca desatando

Os nós de embira às rápidas igaras,

À pesca vão pelas ribeiras próximas,

Das esposas, das mães que os lares velam,

Grata alegria os corações inunda,

Menos o dela, que suspira e geme,

E não aguarda doce esposo ou filho.

Triste os vê na partida e no regresso,

E nessa melancólica postura,

Semelha a acácia langue e esmorecida,

Que já de orvalho ou sol não pede os beijos.

As outras... — Raro em lábios de felizes

Alheias mágoas travam. Não se pejam

De seus olhos azuis e alegres penas

Os saís sobre as árvores pousados,

Se ao perto voa na campina verde

De anuns lutuoso bando; nem os trilos

Das andorinhas interrompe a nota

Que a juriti suspira. — As outras folgam

Pelo arraial dispersas; vão-se à terra

Arrancar as raízes nutritivas,

E fazem os preparos do banquete

A que hão de vir mais tarde os destemidos

Senhores do arco, alegres vencedores

De quanto vive na água e na floresta.

Da cativa nenhuma inquire as mágoas.

9

Contudo, algumas vezes, curiosas

Virgens lhe dizem, apiedando o gesto:

— “Pois que à taba voltaste, em que teus olhos Primeiro viram luz, que mágoa funda

Lhes destila tão longo e amargo pranto,

Amargo mais do que esse que não busca

Recatado silêncio?” — E às doces vozes

A cristã desterrada assim responde:

— “Potira é como aquela flor que chora

Lágrimas de alvo leite, se do galho

Mão cruel a cortou. Oh! não permita

O céu que ímpia fortuna vos separe

Daquele que escolherdes. Dor é essa

Maior que um pobre coração de esposa.

Esperanças... Deixei-as nessas águas

Que me trouxeram, cúmplices do crime,

À taba de Tupã, não alumiada

Da palavra celeste. Algumas vezes,

Raras, alveja em minha noite escura

Não sei que tíbia aurora, e penso: Acaso

O sol que vem me guarda um raio amigo,

Que há de acender nestes cansados olhos

Ventura que já foi. As asas colhe

Guanumbi, e o aguçado bico embebe

No tronco, onde repousa adormecido

Até que volte uma estação de flores..v

Ventura imita o guanumbi dos campos:

Acordará co"as flores de outros dias.

Doce ilusão que rápido se escoa,

Como o pingo de orvalho mal fechado

Numa folha que o vento agita e entorna.”

E as virgens dizem, apiedando o gesto:

— “Potira é como aquela flor que chora

Lágrimas de alvo leite, se do galho

Mão cruel a cortou!”

X

Era chegado

O fatal prazo, o desenlace triste.

Tudo morre — a tristeza como o gozo;

Rosas de amor ou lírios de saudade,

Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.

Costeando as longas praias, ou transpondo

Extensos vales e montanhas, correm

Mensageiros que às tabas mais vizinhas

Vão convidar à festa as gentes todas.

Era a festa da morte. Índio guerreiro,

Três luas há cativo, o instante aguarda

Em que às mãos de inimigos vencedores,

Caia expirante, e os vínculos rompendo

Da vida, a alma remonte além dos Andes.

Corre de boca em boca e de eco em eco

A alegre nova. Vem descendo os montes,

Ou abicando às povoadas praias

Gente da raça ilustre. A onda imensa

Pelo arraial se estende pressurosa.

10

De quantas cores natureza fértil

Tinge as próprias feições, copiam eles

Engraçadas, vistosas louçanias.

Vários na idade são, vários no aspecto,

Todos iguais e irmãos no herdado brio.

Dado o amplexo de amigo, acompanhado

De suspiros e pêsames sinceros

Pelas fadigas da viagem longa,

Rompem ruidosas danças. Ao tamoio

Deu o Ibaque os segredos da poesia;

Cantos festivos, moduladas vozes,

Enchem os ares, celebrando a festa

Do sacrifício próximo. Ah! não cubra

Véu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos

Destes polidos tempos! Rudes eram

Aqueles homens de ásperos costumes,

Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,

E nós, soberbos filhos de outra idade,

Que a voz falamos da razão severa

E na luz nos banhamos do Calvário,

Que somos nós mais que eles? Raça triste

De Cains, raça eterna...

XI

Os cantos cessam.

Calou-se o maracá. As roucas vozes

Dos férvidos guerreiros já reclamam

O brutal sacrifício. Às mãos das servas

A taça do cauim passara exausta.

Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.

Da nação guaianás nos rudes campos

Nasceu. Nos campos da saudosa pátria

Industriosa mão não sabe ainda

Alevantar as tabas. Cova funda

Da terra, mãe comumvi, no seio aberta,

Os acolhe e protege. O chão lhes forra

A pele do tapir; contínua chama

Lhes supre a luz do sol. É uso antigo

Do guaianás que chega a extrema idade,

Ou de mortal doença acometido,

Não expirar aos olhos de outros homens;

Vivo o guardam no bojo da igaçaba,

E à fria terra o dão, como se fora

Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes.

Do almo, doce licor que extrai das flores

Mãe do mel, iramaia, larga cópia

Pelos robustos membros lhe coaram

Seis anciãs da tribo. Rubras penas

Na vasta fronte e nos nervosos braços

Garridamente o enfeitam. Longa e forte

A muçurana os rins lhe cinge e aperta.

Entra na praça o fúnebre cortejo.

Olhar tranqüilo, inda que fero, espalha

O indomado cativo. Em pé, defronte,

Grave, silencioso, ao sol mostrando

11

De feias cores e vistosas plumas

Singular harmonia, aguarda a vítima

O executor. Nas mãos lhe pende a enorme

Tagapema enfeitada, arma certeira,

Arma triunfal de morte e de extermínio.

Medem-se rosto a rosto os dois contrários

C"um sorriso feroz. Confusas vozes

Enchem súbito o espaço. Não lhe é dado

Ao vencido guerreiro haver a morte

Silenciosa e triste em que se passa

Da curva rede à fria sepultura.

Meigas aves que vão de um clima a outro

Abrem placidamente as asas leves,

Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,

Tu combate! Vencido e vencedores

Derradeiros escárnios se arremessam;

Gritos, injúrias, convulsões de raiva,

Vivo clamor acorda os longos ecos

Das penedias próximas. A clava

Do executor girou no ar três vezes

E de leve caiu na grossa espádua

Do arquejante cativo. Já na boca,

Que o desprezo e o furor num riso entreabrem, Orla de espuma alveja. Avança, corre,

Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço

A muçurana, cujas pontas tiram

Dois mancebos robustos. Nas cavernas

Do longo peito lhe murmura o ódio,

Surdo, como o rumor da terra inquieta,

Pejada de vulcões. Os lábios morde,

E, como derradeira injúria, à face

Do executor lhe cospe espuma e sangue.

Não vibra o arco mais veloz o tiro,

Nem mais segura no aterrado cervo

Feroz sucuriúba os nós enrosca,

Do que a pesada, enorme tagapema

A cabeça de um golpe lhe esmigalha.

Cai fulminada a vítima na terra,

E alegre o povo longamente aplaude.

XII

Na voz universal perdeu-se um grito

De piedade e terror: tão fundo entrara

Naquela alma roubada à noite escura

Raio de sol cristão! Potira foge,

Pelos bosques atônita se entranha

E pára à margem de um pequeno rio;

Pousa na relva os trêmulos joelhos

E nas mimosas mãos esconde o rosto.

Não de lágrimas era aquele sítio

Ou só de doces lágrimas choradas

De olhos que amor venceu: — macia relva,

Leito de sesta a amores fugitivos.

Da verde, rara abóbada de folhas

Tépida e doce a luz coava a frouxo

Do sol, que além das árvores tranqüilo,

12

Metade da jornada ia transpondo.

Longe era ainda a hora melancólica

Em que a jurema cerra a miúda folha,

E o lume azul o pirilampo acende.

De pé, a um velho tronco descoroado

Da copada ramagem, resto apenas,

Vestígio do tufão, a indiana moça

Languidamente encosta o esbelto corpo.

Neste ameno recesso tudo é triste,

Porque é alegre tudo. Não mui longe

Um desfolhado ipê conserva e guarda

Flores que lhe ficaram de outro estio,

Como esperança de folhagem nova,

Flores que a desventura lhe há negado,

A ela, alma esquecida nesta terra,

Que nada espera da estação vindoura.

Olha, e de inveja o coração lhe estala;

Pelo tronco das árvores se enroscam

Parasitas, esposas do arvoredo,

Mais fiéis não, mais venturosas que ela.

Morrer? Descanso fora as mágoas suas,

Mais que descanso, perdurável gozo,

Que a nossa eterna pátria aos infelizes

Deste desterro, guarda alvas capelas

De não-murchandas e cheirosas flores.

Tal lhe falava no íntimo do peito

Desespero cruel. Alguns instantes

Pela cansada mente lhe vagaram

De voluntária, abreviada morte

Lutuosas idéias. Mal compreende

Esses desmaios da criatura humana

Quem não sentiu no coração rasgado

Abatimento e enojo; ou, do mais que isto,

Esse contraste imenso e irreparável

Do amor interno e a solidão da vida.

Rápido espaço foi. Pronto lhe volve

Doce resignação, cristã virtude,

Que desafia e que assoberba os males.

As débeis mãos levanta. Já dos lábios

Solta nas asas de oração singela

Lástimas suas... Na folhagem seca

Ouve de cautos pés rumor sumido

Volve a cabeça...

XIII

Trêmulo, calado,

Anagê crava nela os olhos turvos

Dos vapores da festa. As mãos inermes

Lhe pendem; mas o peito — ó mísera! — esse,

Esse de mal contido amor transborda.

Longo instante passou. Ao fim: “Deixaste

A festa nossa (o bárbaro murmura);

Misteriosa vieste. Dos guerreiros

Nenhum te viu; mas eu senti teus passos,

E vim contigo ao ermo. Ave mesquinha,

Inútil foges; gavião te espreitavii,

Minha te fez Tupã.” Em pé, sorrindo

Escutava Potira a voz severa

De Anagê. Breve espaço abria entre ambos

Alcatifado chão. A fatal hora

Chegara ao fim? Não o prescruta a moça;

Tudo aceita das mãos do seu destino,

Tudo, exceto... No próximo arvoredo

Ouve de uma ave o pio melancólico;

Era a voz de seu pai? a voz do esposo?

De ambos talvez. No ânimo da escrava

Restos havia dessa crença antiga

Antiga e sempre nova: o peito humano

Raro de obscuros elos se liberta.

XIV

— “ Nasceste para ser senhora e dona:

Anagê não te veda a liberdade;

Quebra tu mesma os nós do cativeiro.

Faze-te esposa. Vem coroar meus dias;

Vem, tudo esqueço. A fronte do guerreiro,

Adornada por ti, será mais nobre;

Mais forte o braço em que pousar teu rosto.

Sou menos belo que esse esposo ausente?

Rudes feições compensa amor sobejo.

Vem, ser-me-ás companheira nos combates,

E, se inimiga frecha entrar meu seio,

Morrerei a teus pés. Tens medo aos padres?

Outro destino escolhe. Cauteloso,

Tece o japu nos elevados ramos

Das elevadas árvores o ninho,

Onde o inimigo lhe não roube a prole.

Ninho há na serra ao nosso amor propício;

Viveremos ali. Troveje em baixo

A inúbia convidando à guerra os povos;

Leva de arcos transforme estas aldeias

Em campos de combate — ou já dispersas

As fugitivas tribos vão buscando

Longes sertões para chorar seus males,

Viveremos ali. Talvez um dia

Quando eu passar à misteriosa estância

Das delícias eternas, me pergunte

Meu velho pai: — „ *Teu arco de guerreiro*

Em que deserta praia o abandonaste? "*

Salvar-me-á teu amor do eterno pejo.”

XV

Doce era a voz e triste. Rasos d"água

Os olhos. Foi desmaio de tristeza

Que o gesto dissipou da esquiva moça.

Volve ao Tamoio vingativa idéia.

— “Minha” (diz ele) “ou morres!” Estremece

Potira, como quando a brisa passa

* Embora não adotados pelo autor, utilizamos na entrefala o itálico e únicas aspas para facilitar a compreensão do texto.

Ao de leve na folha da palmeira,

E logo fria ao bárbaro responde:

— “Jaz esquecida em nossas velhas tabas

O respeito da esposa? Acaso é digna

Do sangue do Tamoio esta ameaça?

Que desvalia aos olhos teus me coube,

Se a outro me ligaram natureza,

Religião, destino? A liberdade

Nas tuas mãos depus; com ela a vida.

É tudo, quase tudo. Honra de esposa,

Oh! essa deves respeitá-la! Vai-te!

Ceva teu ódio nas sangrentas carnes

Do prostrado cativo. Aqui chorando,

Na soidão destes bosques mal fechados,

Às maviosas brisas meus suspiros

Entregarei; levá-los-ão nas asas

Lá onde geme solitário o esposo.

Vai-te!” E as mimosas mãos colhendo ao rosto, Alçou a Deus o pensamento amante,

Como a centelha viva que a fogueira

Extinta aos ares sobe. Imóvel, muda,

Longo tempo ficou. Diante dela,

Como ela imóvel, o tamoio estava.

Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,

Opostos sentimentos se combatem

No atribulado peito. Generoso

Era, mas não domado amor lhe dava

Inspiração de crimes. Não mais pronto

Cai sobre a triste corça fugitiva

Jaguar de longa fome esporeado,

Do que ele as mãos lançou ao colo e à fronte

Da mísera Potira. Ai! não, não diga

A minha voz o lamentoso instante

Em que ela, ao seu algoz volvendo ansiosa

Turvos olhos: “Perdôo-te!” murmura,

Os lábios cerra e imaculada expira!

XVI

Estro maior teu nome obscuro cante,

Moça cristã das solidões antigas,

E eterno o cinja de virentes flores,

Que as mereces. De não sabido bardo

Estes gemidos sãoviii. Lânguidas brisas

No taquaral à noite sussurrando,

Ou enrugando o mole dorso às vagas,

Não tem a voz com que domina os ecos

Despenhada cachoeira. São, contudo,

Mas que débeis e tristes, no concerto

Da orquestra universal cabidas notas.

Alveja a nebulosa entre as estrelas,

E abre ao pé do rosal a flor da murta.

NIANI

(HISTÓRIA GUAICURU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhe deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno índio que era seu cativo, e diz-lhe na presença de vários antecris: “És meu cativo; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda* a vida Panenioxe.” Então seus olhos deixaram correr dilúvios de lágrimas pelas suas tristes faces, que ela de envergonhada quis ocultar, mas o amor ofendido não o permitia. Parece que esta violenta contenda de duas poderosas paixões lhe motivou uma febre ardente, com a qual ao outro dia perdeu a vida.

F. RODRIGUES PRADO, *Hist. dos Índios Cavaleiros.*

* No original está escrito *todo,* sem correção na errata.

NIANI

.....que piagne

Vedova, sola.

DANTE, *Purgat. VI.*

I

Contam-se histórias antigas

Pelas terras de além-mar,

De moças e de princesas,

Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n"alma

E a vida soe acabar,

Amor é de todo o clima,

Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas

Aonde habita o jaguar,

Nas margens dos grandes rios

Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso

De muito penalizar,

Tão triste como os que contam

Pelas terras de além-mar.

II

Cabana que esteira cobre

De junco trançado a mão,

Que agitação vai por ela!

Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro

Da velha, dura nação,ix,

Caiavaba há já sentido

A sua lança e facãox.

Vem de longe, chega à porta

Do afamado capitão;

Deixa a lança e o cavalo,

Entra com seu coração.

A noiva que ele lhe guarda

Moça é de nobre feição,

Airosa como ágil corça

Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos

Naquela tenra estação,

Em que a flor que há de ser flor

Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,

E muitos que fortes são;

17

Niani ao melhor deles

Não dera o seu coração.xi

Casá-los agora, é tempo;

Casá-los, nobre ancião!

Limpo sangue tem o noivo,

Que é filho de capitão.xii

III

“— Traze a minha lança, escravo,

Que tanto peito abateu;

Traze aqui o meu cavalo

Que largos campos correu.”

“— Lança tens e tens cavalo

Que meu velho pai te deu;

Mas aonde te vais agora

Onde vais*, esposo meu?”

“— Vou-me à caça, junto à cova

Onde a onça se meteu...”

“ — Montada no meu cavalo

Vou contido, esposo meu.”

“— Vou-me às ribas do Escopil,

Que a minha lança varreu...”

“— Irei pelejar na guerra,

A teu lado, esposo meu.”

* No original, o autor utilizou-se da forma verbal *vas.*

18

“— Fica-te aí na cabana

Onde o meu amor nasceu.”

“— Melhor não haver nascido

Se já de todo morreu.”

E uma lágrima — a primeira

De muitas que ela verteu —

Pela face cobreada

Lenta, lenta lhe correu.

Enxugá-la, não a enxuga

O esposo que já perdeu,

Que ele no chão fita os olhos,

Como que a voz lhe morreu.

Traz o escravo o seu cavalo

Que o velho sogro lhe deu;

Traz-lhe mais a sua lança

Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,

Que o remorso esmoreceu,

Com esta dura palavra

À esposa lhe respondeu:

“— A bocaiúva três vezes

No tronco amadureceu,xiii

Desde o dia em que o guerreiro

Sua esposa recebeu.”

Três vezes! Amor sobejo

Nossa vida toda encheu.

Fastio me entrou no seio,

Fastio que me perdeu.”

E pulando no cavalo,

Sumiu-se... despareceu...

Pobre moça sem marido,

Chora o amor que lhe morreu!

IV

Leva o Paraguai as águas,

Leva-as no mesmo correr,

E as aves descem ao campo

Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo

Costumavam de nascer,

Nascem; vivem de igual vida;

Morrem do mesmo morrer.

Niani, pobre viúva,

Viúva sem bem o ser,

Tanta lágrima chorada

Já te não pode valer.

19

Olhos que amor desmaiara

De um desmaiar que é viver,

O choro empana-os agora,

Como que vão fenecer.

Corpo que fora robusto

No seu cavalo a correr,

De contínua dor quebrado

Mal se pode já suster.

Colar de prata não usa,

Como usava de trazer;

Pulseiras de finas contas

Todas as veio a romper.xiv

Que ela, se nada há mudado

Daquele eterno viver,

Com que a natureza sabe

Renascer, permanecer.

Toda é outra; a alma lhe morre,

Mas de um contínuo morrer,

E não há mágoa mais triste

De quantas podem doer.

Os que outrora a desejavam,

Antes dela mal haver,

Vendo que chora e padece,

Rindo, se põem a dizer:

“— Remador vai na canoa,

Canoa vai a descer...

Piranha espiou do fundo

Piranha, que o vai comer.

Ninguém se fie da brasa

Que os olhos vêem arder,

Sereno que cai de noite

Há de fazê-la morrer.

Panenioxe, Panenioxe,

Não lhe sabias querer.

Quem te pagara esse golpe

Que lhe vieste fazer!”

V

Um dia — era sobre tarde,

Ia-se o sol a afundar;

Calumbi cerrava as folhas

Para melhor as guardar.

Vem cavaleiro de longe

E à porta vai apear.

Traz o rosto carregado,

Como a noite sem luar.

20

Chega-se à pobre da moça

E assim começa a falar:

“— Guaicuru doe-lhe no peito

tristeza de envergonhar.

Esposo que te há fugido

Hoje se vai casar;

Noiva não é de alto sangue,

Porém de sangue vulgar.”

Ergue-se a moça de um pulo,

Arrebatada, e no olhar

Rebenta-lhe uma faísca

Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha

Acerta de ali passar;

Niani atentando nele

Chama-o para o seu lugar.

“— Cativo és tu: serás livre,

Mas vais o nome trocar;

Nome avesso te puseram...

Panenioxe hás de ficar.”

Pela face cobreada

Desce, desce com vagar

Uma lágrima: era a última

Que lhe restava chorar.

Longo tempo ali ficara,

Sem se mover nem falar;

Os que a vêem naquela mágoa

Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,

E ia a moça a expirar...

O sol de todo morria

E enegrecia-se o ar.

Pintam-na de vivas cores,

E lhe lançam um colar;xv

Em fina esteira de junco

Logo a vão amortalhar.

O triste pai suspirando

Nos braços a vai tomar,

Deita-a sobre o seu cavalo

E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora

Justo lhe era descansar,

Que pagou fora da vida

Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores

Aonde habita o jaguar,

Como as princesas morriam

Pelas terras de além-mar.

A CRISTÃ-NOVA

...essa mesma foi levada

cativa para uma terra estranha.

NAHUM, cap. III, v. 10

PARTE I

I

Olhos fitos no céu, sentado à porta,

O velho pai estava. Um luar frouxo

Vinha beijar-lhe a veneranda barba

Alva e longa, que o peito lhe cobria,

Como a névoa na encosta da montanha

Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,

E silenciosa: a praia era deserta,

Ouvia-se o bater pausado e longo

Da sonolenta vaga — único e triste

Som que a mudez quebrava à natureza.

II

Assim talvez nas solidões sombrias

Da velha Palestina

Um profeta no espírito volvera

As desgraças da pátria. Quão remota

Aquela de seus pais sagrada terra,

Quão diferente desta em que há vivido

Os seus dias melhores! Vago e doce,

Este luar não alumia os serros

Estéreis, nem as últimas ruínas,

Nem as ermas planícies, nem aquele

Morno silêncio da região que fora

E que a história de todo amortalhara.

Ó torrentes antigas! águas santas

De Cédron! Já talvez o sol que passa,

E vê nascer e vê morrer as flores,

Todas no leito vos secou,xvi enquanto

Estas murmuram plácidas e cheias,

E vão contando às deleitosas praias

Esperanças futuras. Longo e longo

O devolver dos séculos

Será, primeiro que a memória do homem

Teça a mortalha fria

Da região que inda tinge o albor da aurora.

III

Talvez, talvez no espírito fechado

Do ancião vagueavam lentamente

Estas idéias tristes. Junto à praia

Era a austera mansão, donde se via

Desenrolarem-se as serenas vagas

Do nosso golfo azul. Não a enfeitavam

As galas da opulência, nem os olhos

23

Entristecia co"o medonho aspecto

Da miséria; não pródiga nem surda

A fortuna lhe fora, mas aquela

Mediana sóbria, que os desejos

Contenta do filósofo, lhe havia

Dourado os tetos. Guanabara ainda

Não era a flor aberta

Da nossa idade, era botão apenas,

Que rompia do hastil, nascido à beira

De suas ondas mansas. Simple e rude,

Ia brotando a juvenil cidade,

Nestas incultas terras, que a lembrança

Recordava talvez do antigo povo,

E o guau alegre, e as ríspidas pelejas,

Toda essa vida que morreu.

IV

Sentada

Aos pés do velho estava a amada filha,

Bela como a açucena dos Cantares,

Como a rosa dos campos. A cabeça

Nos joelhos do pai reclina a moça,

E deixa resvalar o pensamento

Rio abaixo das longas esperanças

E namorados sonhos. Negros olhos

Por entre os mal fechados

Cílios estende à serra que recorta

Ao longe o céu. Morena é a face linda

E levemente pálida. Mais bela,

Nem mais suave era a formosa Ruth

Ante o rico Boaz, do que essa virgem,

Flor que Israel brotou do antigo tronco,

Corada ao sol da juvenil América.

V

Mudos viam correr aquelas horas

Da noite, os dois: ele voltando o rosto

Ao passado, ela os olhos ao futuro.

Cansam-lhe enfim ao pensamento as asas

De ir voando, através da espessa treva,

Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo

Da realidade. A delicada virgem

Primeiro volve a si; os lindos dedos

Corre-lhe ao longo da nevada barba,

E — “Pai amigo, que pensar vos leva

Tão longe a alma?” Estemecendo o velho:

— “Curiosa! — lhe disse —, o pensamento

E como as aves passageiras: voa

A buscar melhor clima. — Oposto rumo

Ias tu, alma em flor, aberta apenas,

Tão longe ainda do calor da sesta,

Tão remota da noite... Uma esperança

Te sorria talvez? Talvez, quem sabe,

Uns namorados olhos que me roubem,

Que te levem... Não córes*, filha minha!

Esquecimento, não; lembrança ao menos

Ficar-te-á do paterno afeto; e um dia,

Quando eu na terra descansar meus ossos,

Haverás doce bálsamo no seio

Da afeição juvenil... Sim; não te acuso;

Ama: é a lei da natureza, eterna!

Ama: um homem será da nossa raça...”

VI

Estas palavras tais ouvindo a moça,

Turbada os olhos descaiu na terra,

E algum tempo ficou calada e triste,

Como no azul do céu o astro da noite,

Se uma nuvem lhe empana a meio a face.

Súbito a voz e o rosto alevantando,

Com dissimulação — pecado embora,

Mas inocente: — “Olhai, a noite é linda!

O vento encrespa molemente as ondas,

E o céu é todo azul e todo estrelas!

Formosa, oh! quão formosa a terra minha!

Dizei: além desses compridos serros,

Além daquele mar, à orla de outros,

Outras como esta vivem?”

VII

Fresca e pura

Era-lhe a voz, voz d"alma que sabia

Entrar no coração paterno. A fronte

Inclina o velho sobre o rosto amado

De Ângela. — Na cabeça ósculo santo

* Manteve-se o acento para preservar o sentido do verso.

25

Imprime à filha; e suspirando, os olhos

Melancolicamente ao ar levanta,

Desce-os e assim murmura:

“Vaso é digno de ti, lírio dos vales,

Terra solene e bela. A natureza

Aqui pomposa, compassiva e grande,

No regaço recebe a alma que chora

E o coração que túmido suspira.

Contudo, a sombra pesarosa e errante

Do povo que acabou pranteia ainda

Ao longo das areias,

Onde o mar bate, ou no cerrado bosque

Inda povoado das relíquias suas,

Que o nome de Tupã confessar podem

No próprio templo augusto. Última e forte

Consolação é esta do vencido

Que viu tudo perder-se no passado,

E único salva do naufrágio imenso

O seu Deus. Pátria não. Uma há na terra

Que eu nunca vi... Hoje é ruína tudo,

E viuvez e morte. Um tempo, entanto,

Bela e forte ela foi; mas longe, longe

Os dias vão de fortaleza e glória

Escoados de todo como as águas

Que não volvem jamais. Óleo que a unge,

Finas telas que a vestem, atavios

De ouro e prata que o colo e os braços lhe ornam, E a flor de trigo e mel de que se nutre,

Sonhos, são sonhos do profeta.xvii É morta

Jerusalém! Oh! quem lhe dera os dias

Da passada grandeza, quando a planta

Da senhora das gentes sobre o peito

Pousava dos vencidos, quando o nome

Do que há salvo Israel, Moisés...”

“— Não! Cristo,

Filho de Deus! Só ele há salvo os homens!”

Isto dizendo, a delicada virgem

As mãos postas ergueu. Uma palavra

Não disse mais; no coração, entanto,

Murmurava uma prece silenciosa,

Ardente e viva, como a fé que a anima

Ou como a luz da alâmpada

A que não faltou óleo.

VIII

Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquela

Alma infeliz nem toda era de Cristo

Nem toda de Moisés; ouvia atento

A palavra da Lei, como nos dias

Do eleito povo; mas a doce nota

Do Evangelho não raro lhe batia

No alvoroçado peito

Soleníssima e pura... Descambava

No entanto a lua. A noite era mais linda,

E mais augusta a solidão. Na alcova
Entre a pálida moça. Da parede
Um Cristo pende; ela os joelhos dobra
Os dedos cruza e reza — não serena,
Nem alegre também, como costuma,
Mas a tremer-lhe nos formosos olhos
Uma lágrima.

IX

A lâmpada acendida
Sobre a mesa do velho, as largas folhas
Alumia de um livro. O máximo era
Dos livros todos. A escolhida lauda
Era a do canto dos cativos que iam
Pela ribas do Eufrates, relembrando
As desgraças da pátria. A sós, com eles,
Suspira o velho aquele salmo antigo:
Junto os rios da terra amaldiçoada
De Babilônia, um dia nos sentamos,
Com saudades de Sião amada.
As harpas nos salgueiros penduramos,

E ao relembrarmos os extintos dias

As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias

De cativeiro, ali nos perguntavam

Pelas nossas antigas harmonias.

E dizíamos nós aos que falavam:

Como em terra de exílio amargo e duro

Cantar os hinos que ao Senhor louvavam?...

Jerusalém, se inda num sol futuro,

Eu desviar de ti meu pensamento

E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha destra a frio esquecimento

Votada seja; apegue-se à garganta

Esta língua infiel, se um só momento

Me não lembrar de ti, se a grande e santa Jerusalém não for minha alegria

Melhor no meio de miséria tanta.

Oh! lembra-lhes, Senhor, aquele dia

Da abatida Sião, lembra-lhos aos duros

*Filhos de Edom, e à voz que ali dizia:**

Arruinai-a, arruinai-a; os muros

Arrasemo-los todos; só lhe baste

* O autor não esclarece, no original, os limites dos diálogos nestes versos, por isso optou-se pelos itálicos, que nos pareceu melhor traduzir a vontade autoral.

27

Um montão de destroços mal-seguros.

Filha de Babilônia, que pecaste,

Abençoado o que se houver contigo

Com a mesma opressão que nos mostraste!

Abençoado o bárbaro inimigo

Que os tenros filhos teus às mãos tomando,

Os for, por teu justíssimo castigo,

Contra um duro penedo esmigalhando!

PARTE II

I

Era naquela doce e amável hora

Em que vem branqueando a alva celeste,

Quando parece que remoça a vida

E toda se espreguiça a natureza.

Alva neblina que espalhara a noite

Frouxamente nos ares se dissolve,

Como de uns olhos tristes

Foge co"o tempo a já ligeira sombra

De consoladas mágoas. Vida é tudo,

E pompa e graça natural da terra,

Mas que não seja no ermo,

Onde seus olhos rútilos espraia

Livres a aurora, sem tocar vestígios

De obras caducas do homem, onde as águas

Do rio bebe a fugitiva corça,

Vivo aroma nos ares se difunde,

E aves, e aves de infinitas cores

Voando vão e revoando tornam,

Inda senhoras da amplidão que é sua,

Donde as há de fugir o homem um dia

Quando a agreste soidão entrar o passo

Criador que derruba. Já de todo

Nado era o sol; e à viva luz que inunda

Estes meus pátrios morros e estas praias,

Sorrindo a terra moça

Noiva parece que o virgíneo seio

Entrega ao beijo nupcial do amado.

E há de os fúnebres véus lançar a morte

Na verdura do campo? A natureza

A nota vibrará da extrema angústia

Neste festivo cântico de graças

Ao sol que nasce, ao Criador que o envia,

Como renovação de juventude?

II

Coava o sol pela miúda e fina

Gelosia da alcova em que se apresta

A recente cristã. Singelas roupas

Traja da ingênua cor que a natureza

Pintou nas plumas que primeiro brota

28

O seu pátrio guará. Vínculo frouxo

Mal lhe segura a luzidia trança,

Como ao desdém lançada

Sobre a espádua gentil. Jóia nenhuma,

Mais que seus olhos meigos, e essa doce

Modéstia natural, encanto, enlevo,

Casta flor que aborrece os mimos do horto,

E ama livre nascer no campo, à larga,

Rústica, mas formosa. Não lhe ensombram

As tristezas da véspera o semblante,

Nem da secreta lágrima na face

Ficou vestígio. — Descuidosa e alegre,

Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,

E repete baixinho um nome... Oh! se ele

Espreitá-la pudesse ali risonha,

A sós consigo, entre o seu Cristo e as flores Colhidas ao tombar da extinta noite,

E vicejantes inda!

III

De repente,

Aos ouvidos da moça enamorada

Chega um surdo rumor de soltas vozes,

Que ora crescendo vai, ora se apaga,

Estranho, desusado. Eram... São eles,

Os franceses, que vêm de longes praias

A cobiçar a pérola mimosa,

Niterói, na alva-azul concha nascida

De suas águas recatadas. Rege

O atrevido Duclerc a flor dos nobres,

Cuja tez branca requeimara o fogo

Que o vivo sol dos trópicos dardeja,

E as lufadas dos ventos do oceano.

Cobiçam-te eles, minha terra amada,

Como quando nas faixas sempre-verdes

Eras envolta; e rude, inda que belo,

O aspecto havias que poliu mais tarde

A clara mão do tempo. Inda repetem

Os ecos do recôncavo os suspiros

Dos que vieram a buscar a morte,

E a receberam dos varões possantes

Companheiros de Estácio. A todos eles,

Prole de Luso ou geração da Gália,

Cativara-os a naiade escondida,

E o sol os viu travados nessa longa

E sangrenta porfia, cujo prêmio

Era teu verde, cândido regaço.

Triunfara o trabuco lusitano

Naquele extinto século. Vencido,

O pavilhão francês volvera à pátria,

Pela água arrastando o longo crepe

De suas tristes, mortas esperanças,

Que vento novo o desfraldou nos ares?

IV

29

Ângela ouvira as vozes da cidade,

As vozes do furor. Já receosa,

Trêmula, foge à alcova e se encaminha

À câmara paterna. Ia transpondo

A franqueada porta... e pára. O peito

Rompe-lho quase o coração — tamanho

É o palpitar, um palpitar de gosto,

De surpresa e de susto. Aqueles olhos,

Aquela graça máscula do gesto,

Graça e olhos são dele, o amado noivo,

Que entre os mais homens elegeu sua alma

Para o vínculo eterno... Sim, que a morte

Pode arrancar ao seio humano o alento

Último e derradeiro; os que deveras

Unidos foram, volverão unidos

A mergulhar na eternidade. Estava

Junto do velho pai o gentil moço,

Ele todo agitado, o ancião sombrio,

Calados ambos. A atitude de ambos,

O misterioso, gélido silêncio,

Mais que tudo, a presença nunca usada

Daquele homem ali, que mal a espreita

De longe e a furto, nos instantes breves

Em que lhe é dado vê-la, tudo à moça

O ânimo abala e o coração enfia.

V

Mas o tropel de fora avulta e cresce

E os três acorda. A virgem, lentamente,

Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço

Que dos dois a separa. O tenro colo

Curva ante o pai, e na enrugada destra

O ósculo imprime, herdada usança nossa

De filial respeito. As mãos lhe toma

Enternecido o velho; olhos com olhos

Alguns instantes rápidos ficaram,

Até que ele, voltando o rosto ao moço:

“— Perdoai — disse — se paterno afeto

Me atou a língua. Vacilar é justo

Quando à pobre ruína a flor lhe pedem

Que única lhe nasceu — única adorna

A aridez melancólica do extremo,

Pálido sol... Não protesteis! Roubá-la,

Arrancá-la aos meus últimos instantes,

Não o fareis de certo. Pouco importa

Dês que a metade lhe levais da vida,

Dês que seu coração, convosco parte

Afeições minhas. — Ao demais, o sangue

Que lhe corre nas veias condenado,

Nuno, será dos vossos...” Longo e frio

Olhar estas palavras acompanha,

Como a arrancar-lhe o pensamento interno.

A donzela estremece. Nuno o alento

Recobra e fala: — “Puro sangue é ele,

30

Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,

Cândida criatura, alma tão casta,

Inda nascida entre os incréus da Arábia,

Deus a votara à conversão e à vida

Dos eleitos do céu. Águas sagradas

Que a lavaram no berço, já nas veias

O sangue velho e impuro lhe trocaram

Pelo sangue de Cristo...”

VII

Neste instante

Cresce o tumulto exterior. A virgem

Medrosa toda se conchega ao colo

Do velho pai. “Ouvis? Falai! é tempo!”

Nuno prossegue. — “Este comum perigo

Chama os varões à ríspida batalha;

Com eles vou. Se um galardão, entanto,

Merecer de meus feitos, não à pátria

Irei pedi-lo; só de vós espero,

Não o melhor, mas o único na terra,

Que a minha vida...” Rematar não pôde

Esta palavra. Ao escutar-lhe a nova

Da iminente peleja

E a decisão de combater por ela,

Luteiras sente as forças esvair-lhe

A donzela, e bem como ao rijo vento

Inclina o colo o arbusto

Nos braços desmaiou do pai. Volvida

A si, na palidez do rosto o velho

Atenta um pouco, e suspirando: “As armas

Empunhai; combatei; Ângela é vossa.

Não de mim a havereis: ela a si mesma

Toda nas vossas mãos se entrega. Morta

Ou feliz é a escolha; não vacilo:

Seja feliz, e folgarei com ela...”

31

VIII

Sobre a fronte dos dois, as mãos impondo

Ao seio os conchegou, bem como a tenda

Do patriarca santo agasalhava

O moço Isaac e a delicada virgem

Que entre os rios nasceuxviii. Delicioso

E solene era o quadro; mas solene

E delicioso embora, ia esvair-se

Qual celeste visão, que acende a espaços

O ânimo do infeliz. A guerra, a dura

Necessidade de imolar os homens,

Por salvar homens, a terrível guerra

Corta o amoroso vínculo que os prende

E à moça o riso lhe converte em lágrimas.

Mísera és tu, pálida flor; mas sofre

Que o calor deste sol te acurve o cálice,

Morta, não; nem já murcha — mas apenas

Como cansada de queimor do estio.

Sofre; a tarde virá serena e branda

A reviver-te o alento; a fresca noite

Choverá sobre ti piedoso orvalho

E mais risonha surgirás à aurora.

IX

Foge à estância da paz o ardido moço;

Esperança, fortuna, amor e pátria

A guerrear o levam. Já nas veias

O vivo sangue irrequieto pulsa,

Como ansioso de correr por ambas,

A bela terra e a suspirada noiva.

Triste quadro a seus olhos se apresenta;

Nos femininos rostos vê pintados

Incerteza e terror; lamentos, gritos

Soam de entorno. Voam pelas ruas

Homens de guerra; homens de paz se aprestam

Para a crua peleja; e, ou nobre estância,

Ou choupana rasteira, armado é tudo

Contra a forte invasão. Nem lá se deixa

Quieto, a sós com Deus, na estreita cela,

O solitário monge que às batalhas

Fugiu da vida. O patrimônio santo

Cumpre salvá-lo. Cruz e espada empunha,

Deixa a serena região da prece

E voa ao torvelinho do combate.

X

Entre os fortes alunos que dirige

O ardido Bentoxix, a perfilar-se corre

Nuno. Estes são os que o primeiro golpe

Descarregam no atônito inimigo.

Do militar ofício ignoram tudo,

De armas não sabem; mas o brio e a honra

E a lembrança da terra em que primeiro

Viram a luz, e onde o perdê-la é doce,

Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo

Do nobre esforço e galhardia rara,

Com que inda nos umbrais da vida que orna

Tanta esperança, tanto sonho de ouro,

Resolutos a morte encaram, prestes

A retalhar nas dobras

Da vestidura fúnebre da pátria

O piedoso lençol que os leve à campa,

Ou com ela cingir o eterno louro.

XI

Ó mocidade, ó baluarte vivo

Da cara pátria! Já perdida é ela,

Quando em teu peito entusiasmo santo

E puro amor se extingue, e àquele nobre,

Generoso despejo e ardor antigo

Sucede o frio calcular, e o torpe

Egoísmo, e quanto há aí no humano peito,

Que a natureza não criou nem ama,

Que é fruto nosso e podre... Muitos caem

Mortos ali. Que importa? Vão seguindo

Avante os bravos, que a invasão caminha

Implacável e dura, como a morte,

A pelejar e a destruir. Tingidas

Ruas de estranho sangue

E sangue nosso, lacerados membros,

Corpos de que há fugido a alma cansada,

E o denso fumo e os fúnebres lamentos,

Quem nessa confusão, miséria e glória

Conhecerá da juvenil cidade

O aspecto, a vida? Aqui da infância os dias

Nuno vivera, à vicejante sombra

Do seu pátrio arvoredo, ao som das vagas

Que inda batendo vão na amada areia;

Risos, jogos da verde meninice,

Esta praia lhe lembra, aquela pedra,

A mangueira do campo, a tosca cerca

De espinheiro e de flores enlaçadas,

A ave que voa, a brisa que suspira,

Que suspira como ele há suspirado,

Quando rompendo o coração do peito

Ia-lhe empós dessa visão divina,

Realidade agora... E há de perdê-las

Pátria e noiva? Esta idéia lhe esvoaça

Torva e surda no cérebro do moço,

E ao contraído espírito redobra

Ímpeto e forças. Rompe

Por entre a multidão dos seus, e investe

Contra o duro inimigo; e as balas voam,

E com elas a morte, que não sabe

Dos escolhidos seus a terra e o sangue,

E indistintos os toma; ele, no meio

Daquele horrível turbilhão, parece

Que a faísca do gênio o leva e anima,

33

Que a fortuna o votara à glória.

XII

Soam

Enfim os gritos de triunfo; e o peito

Do povo que lutou respira à larga,

Como ao que, após árdua subida, chega

Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos

Estende pelo azul dos céus, e a vida

Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue

A vitória custara; mas, se em meio

De tanta glória há lágrimas, soluços,

Gemidos de viuvez, quem os escuta,

Quem as vê essas lágrimas choradas

Na multidão da praça que troveja

E folga e ri? O sacro bronze que usa

Os fiéis convidar à prece, e a morte

Do homem pranteia lúgubre e solene,

Ora festivo canta

O comum regozijo; e pela aberta

Porta dos templos entra a frouxo o povo

A agradecer com lágrimas e vozes

O triunfo — piedoso instinto da alma,

Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

34

XIII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,

Voa nas asas rútilas e leves

Da fortuna e do amor. Como ao indiano,

Que, ao regressar das porfiadas lutas,

Por estas mesmas regiões entrava,

A encontrá-lo saía a meiga esposa,

— A recente cristã, entre assustada

E jubilosa coroará teus feitos

Co"a melhor das capelas que hão pousado

Em fronte de varão — um doce e longo

Olhar que inteiro encerra a alma que chora

De gosto e vida! Voa o moço à estância

Do ancião; e ao pôr na suspirada porta

Olhos que traz famintos de encontrá-la,

Frio terror lhe empece os membros. Frouxo

Ia o sol transmontando; lenta a vaga

Melancolicamente ali gemia,

E todo o ar parecia arfar de morte.

Qual se pálida a vira, já cerrados

Os desmaiados olhos,

Frios os doces lábios

Cansados de pedir aos céus por ele,

Nuno estacara; e pelo rosto em fio

O suor lhe caiu da extrema angústia;

Longo tempo vacila;

Vence-se enfim, e entra a mansão da esposa.

XIV

Quatro vultos na câmara paterna

Eram. O pai sentado,

Calado e triste. Reclinada a fronte

No espaldar da cadeira, a filha os olhos

E o rosto esconde, mas tremor contínuo

De um abafado soluçar o esbelto

Corpo lhe agita. Nuno aos dois se chega;

Ia a falar, quando a formosa virgem,

Os lacrimosos olhos levantando,

Um grito solta do íntimo do peito

E se lhe prostra aos pés: “Oh! vivo, és vivo!

Inda bem... Mas o céu, que por nós vela,

Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,

Salva meu pobre pai!” Estremecendo

Nela e no velho fita Nuno os olhos,

E agitado pergunta: “Qual ousado

Braço lhe ameaça a vida?” Cavernosa

Uma voz lhe responde: “O santo ofício!”

Volve o mancebo o rosto

E o merencório aspecto

De dois familiares todo o sangue

Nas veias lhe gelou.

XV

Solene o velho

Com a voz, não frouxa, mas pausada, fala:

“— Vês? Todo o brio, todo o amor no peito

Te emudeceu. Só lastimar-me podes,

Salvar-me, nunca. O cárcere me aguarda,

E a fogueira talvez; cumpri-la, é tempo,

A vontade de Deus. Tu, pai e esposo

Da desvalida filha que aí deixo,

Nuno, serás. A relembrar com ela

Meu pobre nome, aplacareis a imensa

Cólera do Senhor...” Sorrindo irônico,

Estas palavras últimas lhe caem

Dos lábios tristes. Ergue-se: “Partamos!

Adeus! Negou-me Aquele que no campo

Deixa a árvore anciã perder as folhas

No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,

Negou-me ver por estas longas serras

Ir-se-me o último sol. Brando regaço

A filial piedade me daria

Em que eu dormisse o derradeiro sono,

E em braços de meu sangue transportado

Fora em horas de paz e de silêncio

Levado ao leito extremo e eterno. Vive

Ao menos tu...”

XVI

Um familiar lhe corta

O adeus último: “Vamos: é já tempo!”

Resignado o infeliz, ao seio aperta

A filha, e todo o coração num beijo

Lhe transmitiu, e a caminhar começa.

Ângela os lindos braços sobre os ombros

Trava do austero pai; flores disséreis

De parasita, que enroscou seus ramos

Pelo cansado tronco, estéril, seco

De árvore antiga: “Nunca! Hão de primeiro

A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte Pena há de ser da cometida culpa,

Convosco descerei à campa fria,

Juntos a mergulhar na eternidade.

Israel tem vertido

Uma mar de sangue. Embora! à tona dele

Verdeja a nossa féxx, a fé que anima

O eleito povo, flor suave e bela

Que o medo não desfolha, nem já seca

Ao vento mau da cólera dos homens!”

XVII

Trêmula a voz do peito lhe saía.

Das mãos lhe trava um dos algozes. Ela

Entrega-se risonha,

Como se o cálix da amargura extrema

Pelos meles da vida lhe trocassem

Celeste e eterna. O coração do moço

Latejava de espanto e susto. Os olhos

Pousa na filha o desvairado velho.

Que ouviu? — Atenta nela; o lindo rosto

O céu não busca jubiloso e livre,

Antes, como travado de agra pena,

Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso

Entre si mesma uma oração, e o nome

De Jesus repetia, mas tão baixo,

Que o coração do pai mal pôde ouvir-lho.

Mas ouviu-lho; e tão forte amor, tamanho

Sacrifício da vida a alma lhe rasga

E deslumbra. Escoou-se um breve tempo

De silêncio; ele e ela, os triste noivos,

Como se a eterna noite os recebera,

Gelados eram; levantar não ousam

Um para o outro os arrasados olhos

De mal contidas e teimosas lágrimas.

XVIII

Nuno enfim, lentamente e a custo arranca

Do coração estas palavras: “Fora

Misericórdia ao menos confessá-lo

Quando ao fogo do bárbaro inimigo

Me era fácil deixar o derradeiro

Sopro da vida. Prêmio é este acaso

De tamanho lidar? Que mal te hei feito,

Porque me dês tão bárbara e medonha

Morte, como esta, em que o cadáver guarda

Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto

Da vida que fugiu?” Ângela os olhos

Magoados ergue; arfa-lhe o peito aflito,

Como o dorso da vaga que intumesce

A asa da tempestade. “Adeus!” suspira

E a fronte abriga no paterno seio.

XIX

O rebelde ancião, domado entanto,

Afracar-se-lhe sente dentro d"alma

O sentimento velho que bebera

Com o leite dos seus; e sem que o lábio

Transmita a ouvidos de homem

O duvidar do coração, murmura

Dentro de si: “Tão poderosa é essa

Ingênua fé, que inda negando o nome

Do seu Deus, confiada aceita a morte,

E guarda puro o sentimento interno

Com que o véu rasgará da eternidade?

Ó Nazareno, ó filho do mistério,

Se é tua lei a única da vida

Escreve-ma no peito; e dá que eu veja

Morrer comigo a filha de meus olhos

E unidos irmos, pela porta imensa

Do teu perdão, à eternidade tua!”

XX

Mergulhara de todo o sol no ocaso,

E a noite, clara, deliciosa e bela,

A cidade cobriu — não sossegada,

Como costuma — porém leda e viva,

Cheia de luz, de cantos e rumores,

Vitoriosa enfim. Eles, calados,

Foram por entre a multidão alegre,

A penetrar o cárcere sombrio.

Donde ao mar passarão, que os leve às praias

Da ancião Europa. Carregado o rosto,

Ia o pai; ela, não. Serena e meiga,

Entra afoita o caminho da amargura,

A custo sofreando internas mágoas

Da amarga vida, breve flor como ela,

Que inda mais breve a mente lhe afigura.

Anjo, descera da região celeste

A pairar sobre o abismo; anjo, subia

De novo à esfera luminosa e eterna,

Pátria sua. Levar-lhe-á Deus em conta

O muito amor e o padecer extremo,

Quando romper a túnica da vida

E o silêncio imortal fechar seus lábios.

38

JOSÉ BONIFÁCIOxxi

De tantos olhos que o brilhante lume

Viram do sol amortecer no ocaso,

Quantos verão nas orlas do horizonte

Resplandecer a aurora?

Inúmeras, no mar da eternidade,

As gerações humanas vão caindo;

Sobre elas vai lançando o esquecimento

A pesada mortalha.

Da agitação estéril em que as forças

Consumiram da vida, raro apenas

Um eco chega aos séculos remotos,

E o mesmo tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memória

O gênio criador e a sã virtude,

Os que o pátrio torrão honrar souberam,

E honrar a espécie humana.

Vivo irás tu, egrégio e Nobre Andrada!

Tu, cujo nome, entre os que à pátria deram

O batismo da amada independência,

Perpetuamente fulge.

O engenho, as forças, o saber, a vida

Tudo votaste à liberdade nossa,

Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos

Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,

Nem abjectas paixões; teu peito ilustre

Na viva chama ardeu que os homens leva

Ao sacrifício honrado.

Se teus restos há muito que repousam

No pó comum das gerações extintas,

A pátria livre que legaste aos netos,

E te venera e ama,

Nem a face mortal consente à morte

Que te roube, e no bronze redivivo

O austero vulto restitui aos olhos

Das vindouras idades.

“Vede” (lhes diz) “o cidadão que teve

Larga parte no largo monumento

Da liberdade, a cujo seio os povos

Do Brasil te acolheram

Pode o tempo varrer, um dia, ao longe,

A fábrica robusta; mas os nomes

Dos que o fundaram viverão eternos,

E viverás, Andrada!”

39

40

A VISÃO DE JACIÚCA

Où sont ces âmes guerrières... et ces arcs

Qu"on ne vit jamais tendus en vain?

BOSSUET: *Orais. fun. de la princesse Palatine.*

Prestes de novo a batalhar, chegavam

Os valentes guerreiros. Mas onde ele,

O duro chefe da indomável tribo,

O senhor das montanhas? Afirmava

Tatupeba que o vira, antes da aurora,

Erguer-se, e ao longo do vizinho rio,

Por algum tempo caminhar calado,

Como se o abafara um pensamento

E lhe impedira o sono. Vão receio

De batalhar? Oh! não! Quase na infância,

A torva catadura viu da guerra,

Ofício de homens, que aprendeu brincando

Com seu pai, extremado entre os guerreiros,

E na bravura e na prudência; a frecha

Ninguém soubera menear como ele,

Nem mais veloz, nem mais certeira nunca.

***

A lentos passos caminhando chega,

Enfim, o bravo Jaciúca. Torvo

E merencório traz o duro aspecto.

“— Vamos (diz ele) a descansar na taba,

Entre festas e danças; penduremos

As armas nossas, que sobeja há sido

A glória, e a doce paz nos chama.”

Leve,

Surdo rumor entre os guerreiros soa;

Vai subindo, é rugido, é já tumulto,

Como o grunhir de tajaçus no mato,

Que se aproxima e cresce. Jaciúca

Olhos quietos pelo campo estende;

Seu feio rosto é como a rocha dura

Que o raio quebra, mas não lasca o vento.

Fecha os lábios e pensativo espera.

***

Tatupeba, que a raiva a custo esconde,

Ergue-se então; crava-lhe os fulvos olhos,

Como a afiada ponta de uma frecha.

Seu porte, entre os irmãos, semelha à vista

Jequitibá robusto; mais que todos,

Terror inspira e universal respeito.

Ergue-se e fala: “— Longos sóis hei visto,

Pelejei muitas guerras; a meu lado

Vi cair mais valentes do que folhas

Arranca o furacão; mas nunca o ânimo

Dos lidadores abalou a palavra

41

Como essa tua; nunca os braços nossos

Ficar deixaram nos desertos campos

Os ossos não vingados dos guerreiros.

Que gênio mau te insinuou tal crime?”

Assim falando, Tatupeba o solo

Com a planta feriu. Os olhos todos
Pendem da boca do sombrio chefe.
Silencioso Jaciúca ouvira
As falas do guerreiro; silencioso
E quieto ficou. Após instantes,
A fronte sacudiu, como expelindo
Idéias más que o cérebro lhe turvam,
E a voz lhe rompe do íntimo do peito.

***

“Ó guerreiros (diz ele), aqui deitados
Estivestes a noite, e toda inteira
A dormistes de certo; eu, não distante,
Do rio à marge* a trabalhar comigo,
Afiava na mente atra vingança;
Até que os frouxos membros descaíram
Sobre a macia relva, e um tempo largo
Assim fiquei entre vigília e sono.
Viam meus olhos ondular as águas,
Mas no alheado pensamento os ecos
Sussurravam da infância. Um gênio amigo
Aos tempos me levava em que no rosto

De meu pai aprendi, com frio pasmo,

A rara intrepidez, válida herança,

Que tanto custa ao pérfido inimigo.

***

De repente, uma luz pálida e triste

Inunda o campo: transparente névoa

E luminosa aquilo parecia,

Ou baço refletir da branca lua

Que nuvens cobrem. Lívido e curvado,

Içaíba a meus olhos aparece.

Vi-o qual era antes da fria morte;

Só a expressão do rosto lhe mudara;

Enérgicas não tinha, mas serenas

As feições. “*Vem comigo!*‖* Assim me fala O extinto bravo; e , súbito estreitando

Ao peito o corpo do saudoso amigo,

Juntos voamos à região das nuvens.

—*Olha!*‖ disse Içaíba, e o braço alonga Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço

Era presa de alheio senhorio.

Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,

Como enche o rio e todo o campo alaga,

Umas gentes estranhas se estendiam

* Manteve-se a forma *marge* em razão da métrica.

* Os itálicos são do organizador do texto.

42

De sertão em sertão. Presas do fogo

As matas vi, abrigo do guerreiro,

E ao torvo incêndio e às invasões da morte

Vi as tribos fugir, ceder a custo,

Com lágrimas alguns, todos com sangue,

A virgem terra ao bárbaro inimigo.

Mau vento os trouxe de remota praia

Aqueles homens novos, jamais vistos

De guerreiro ancião, a quem não coube

Sequer a glória de morrer contente

E todo reviver na ousada prole.

Era o termo da vida que chegara

Ao povo de Tupã! Grito de morte

Único enchia os ares — um suspiro

De tristeza e terror, que reboava

Pelos recessos da floresta antiga

E talvez ameigava o peito às feras...

Surdos manitôs deixado haviam

Os seus fortes heróis; surdos se foram

Entre os gênios folgar da raça nova,

E rir talvez das lágrimas choradas

Pelo olhos das virgens... Oh! se ao menos

Fora pranto de livres! Era a morte

A menor das angústias; vi curvada

E cativa rojar no pó da terra

A fronte do guerreiro, agora altiva,

Livre, como o condor que frecha as nuvens;

Não canitar a cinge, mas vergonha,

Melancólico adorno do vencido.

***

“O rosto desviei do estranho quadro.

_*Olha!‘* repete o pálido Içaíba.

Olhei de novo, e na saudosa taba,

Que os nossos arcos defender souberam,

Em vez da sombra do piaga santo,

Que, ao som do maracá, colhia as vozes

Do pensamento eterno, e as infundia

No seio do guerreiro, como o fumo

Do petum lhe dobrava ímpeto e força,

Um vulto descobri de vestes negras,

Nua quase a cabeça, e cor de espuma

Alguns cabelos raros. Tinha o rosto

Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha

Extenso lenho com dois curtos braços.

Ia só; todo o campo era deserto.

Nem um guerreiro! um arco! „— *A tribo?‘*

„ — Extinta."

***

“A tal palavra, uma pesada sombra

A vista me apagou, e pela face

Senti rolar a lágrima primeira.

43

O sinistro espetáculo mudara.

Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos

Achei-me junto do vizinho rio,

Reclinado como antes, e defronte

A pálida figura de Içaíba.

_— *Torna à taba‘,* me disse o extinto moço *;*

_*Luas e luas volverão no espaço*

Antes da morte, mas a morte é certa,

E terrível será. Nação bem outra,

Sobre as ruínas da valente raça

Virá sentar-se, e brilhará na terra

Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima,

*Talvez, talvez, no meio dos triunfos**

Há de ser a tardia, escassa paga

Da morte nossa. Poupa ao menos essa

Derradeira esperança de guardá-lo

Todo o valor para o supremo dia

E com honra ceder a estranhas hostes;

Salva ao menos as últimas relíquias

Desta nação vencida; não se rasguem

Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram

E Anhangá fez contráriosxxii ...Todos eles Poucos serão para a tremenda luta,

*Mas de sobra hão de ser para chorá-la.‘**

***

“Assim falara o pálido Içaíba;

Alguns instantes contemplou meu rosto,

Calado e firme. A cachoeira ao longe

Interrompia apenas o silêncio;

E eu morto, eu mesmo me sentia morto.

Ele um triste suspiro magoado

Soltou do peito; os apagados olhos

Às estrelas ergueu, sereno e triste,

E de novo rompendo o vôo aos ares,

Como uma frecha penetrou nas nuvens.”

* No original consta *do triunfos.*

* Foram utilizados itálicos para facilitar o entendimento do texto.

CANTIGA DO ROSTO BRANCOxxiii

Rico era o rosto branco; armas trazia,

E o licor que devora e as finas telas;

Na gentil Tibeima os olhos pousa,

E amou a flor das belas.

“Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;

“Quando, junto de ti, teus olhos miro,

A vista se me turva, as forças perco,

E quase, e quase expiro.”

E responde a morena requebrando

Um olhar doce, de cobiça cheio:

“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;

Aperta-me em teu seio!”

Uma cabana levantaram ambos,

O rosto branco e a amada flor das belas...

Mas as riquezas foram-se co"o tempo,

E as ilusões com elas.

Quando ele empobreceu, a amada moça

Noutros lábios pousou seus lábios frios,

E foi ouvir de coração estranho

Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco

Triste nova colheu; mas ele amava,

Inda infiéis, aqueles lábios doces,

E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria

A mendigar o grão de porta em porta,

Com que a moça nutrisse, em cujo peito

Jazia a afeição morta.

E para si, para afogar a mágoa,

Se um pouco havia do licor ardente,

A dor que o devorava e renascia

Matava lentamente.

Sempre traído, mas amando sempre,

Ele a razão perdeu; foge à cabana,

E vai correr na solidão do bosque

Uma carreira insana.

O famoso Sachem, ancião da tribo,

Vendo aquela traição e aquela pena,

À ingrata filha duramente fala,

E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,

Que o lábio do homem acha doce e puro;

Coração de mulher que já não ama

Esse é inda mais duro.

45

Nu qual saíra do materno ventre,

Olhos cavos, a barba emaranhada,

O mísero tornou, e ao próprio teto

Veio pedir pousada.

Volvido se cuidava à flor da infância

(Tão escuro trazia o pensamento!)

“Mãe!” exclamava contemplando a moça,

“Acolhe-me um momento!”

Vinha faminto. Tibeima, entanto,

Que já de outro guerreiro os dons houvera,

Sentiu asco daquele que outro tempo

As riquezas lhe dera.

Fora o lançou; e ele expirou gemendo

Sobre folhas deitado junto à porta;

Anos volveram; co"os volvidos anos,

Tibeima era morta.

Quem ali passa, contemplando os restos

Da cabana, que a erva toda esconde,

Que ruínas são essas, interroga.

E ninguém lhe responde.

46

A GONÇALVES DIAS

Ninguém virá, com titubeantes passos,

E os olhos lacrimosos, procurando

O meu jazigo...

GONÇALVES DIAS. *Últimos Cantos.*

Tu vive e goza a luz serena e pura.*

J. BASÍLIO DA GAMA. *Uruguai, c.* V.

Assim vagou por alongados climas,

E do naufrágio os úmidos vestidos

Ao calor enxugou de estranhos lares

O lusitano vate. Acerbas penas

Curtiu naquelas regiões; e o Ganges,

Se o viu chorar, não viu pousar calada,

Como a harpa dos êxules profetas,

A heróica tuba. Ele a embocou, vencendo

Co"a lembrança do ninho seu paterno,

Longas saudades e míseras tantas.

Que monta o padecer? Um só momento

As mágoas lhe pagou da vida; a pátria

Reviu, após a suspirar por ela;

E a velha terra sua

O despojo mortal cobriu piedosa

E de sobejo o compensou de ingratos.

***

Mas tu, cantor da América, roubado

Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube

Na terra em que primeiro houveste o lume

Do nosso sol, achar o último leito!

Não te coube dormir no chão amado,

Onde a luz frouxa da serena lua,

Por noite silenciosa, entre a folhagem

Coasse os raios úmidos e frios,

Com que ela chora os mortos... derradeiras

Lágrimas certas que terá na campa

O infeliz que não deixa sobre a terra

Um coração ao menos que o pranteie.

***

Vinha contudo o pálido poeta

Os desmaiados olhos estendendo

Pela azul extensão das grandes águas,

A pesquisar ao longe o esquivo fumo

Dos pátrios tetos. Na abatida fronte

* Citação conforme texto original de Machado de Assis.

47

Ave da morte as asas lhe roçara;

A vida não cobrou nos ares novos,

A vida, que em vigílias e trabalhos,

Em prol dos seus, gastou por longos anos,

Co"essa largueza de ânimo fadado

A entornar generoso a vital seiva.

Mas, que importava a morte, se era doce

Morrê-la à sombra deliciosa e amiga

Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso

No murmurar dos rios,

Ou nos suspiros do noturno vento,

Um eco melancólico dos cantos

Que ele outrora entoara? Traz do exílio

Um livro, monumento derradeiro

Que à pátria levantou; ali revive

Toda a memória do valente povo

Dos seus Timbiras...

***

Súbito, nas ondas

Bate os pés, espumante e desabrido,

O corcel da tormenta; o horror da morte

Enfia o rosto aos nautas... Quem por ele,

Um momento hesitou quando na frágil

Tábua confiou a única esperança

Da existência? Mistério obscuro é esse

Que o mar não revelou. Ali, sozinho,

Travou naquela solidão das águas

O duelo tremendo, em que a alma e corpo

As suas forças últimas despendem

Pela vida da terra e pela vida

Da eternidade. Quanta imagem torva,

Pelo turbado espírito batendo

As fuscas asas, lhe tornou mais triste

Aquele instante fúnebre! Suave

É o arranco final, quando o já frouxo

Olhar contempla as lágrimas do afeto,

E a cabeça repousa em seio amigo.

Nem afetos nem prantos; mas somente

A noite, o medo, a solidão e a morte.

A alma que ali morava, ingênua e meiga,

Naquele corpo exíguo, abandonou-o,

Sem ouvir os soluços da tristeza,

Nem o grave salmear que fecha aos mortos

O frio chão. Ela o deixou, bem como

Hóspede mal-aceito e maldormido,

Que prossegue a jornada, sem que leve

O ósculo da partida, sem que deixe

No rosto dos que ficam — rara embora —

Uma sombra de pálida saudade.

***

Oh! sobre a terra em que pousaste um dia,

Alma filha de Deus, ficou teu rasto

Como de estrela que perpétua fulge!

Não viste as nossas lágrimas; contudo

O coração da pátria as há vertido.

Tua glória as secou, bem como orvalho

Que a noite amiga derramou nas flores

E o raio enxuga da nascente aurora.

Na mansão a que foste, em que ora vives,

Hás de escutar um eco do concerto

Das vozes nossas. Ouvirás, entre elas,

Talvez, em lábios de indiana virgem!

Esta saudosa e suspirada nênia:

***

“Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!

Virgens da mata, suspirai comigo!

A grande água o levou como invejosa.

Nenhum pé trilhará seu derradeiro

Fúnebre leito; ele repousa eterno

Em sítio onde nem olhos de valentes,

Nem mãos de virgens poderão tocar-lhes

Os frios restos. Sabiá-da-praia

De longe o chamará saudoso e meigo,

Sem que ele venha repetir-lhe o canto.

Morto, é morto o cantor de meus guerreiros!

Virgens da mata, suspirai comigo!

***

Ele houvera do Ibaque o dom supremo

De modular nas vozes a ternura,

A cólera, o valor, tristeza e mágoa,

E repetir aos namorados ecos

Quanto vive e reluz no pensamento.

Sobre a margem das águas escondidas,

Virgem nenhuma suspirou mais terna,

Nem mais válida a voz ergueu na taba,

Suas nobres ações cantando aos ventos,

O guerreiro tamoio. Doce e forte,

Brotava-lhe do peito a alma divina.

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!

Virgens da mata, suspirai comigo!

***

Coema, a doce amada de Itajubá,

Coema não morreu; a folha agreste

Pode em ramas ornar-lhe a sepultura,

E triste o vento suspirar-lhe em torno;

Ela perdura a virgem dos Timbiras,

Ela vive entre nós. Airosa e linda,

Sua nobre figura adorna as festas

E enflora os sonhos dos valentes. Ele,

O famoso cantor quebrou da morte

49

O eterno jugo; e a filha da floresta

Há de a história guardar das velhas tabas

Inda depois das últimas ruínas.

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!

Virgens da mata, suspirai comigo!

***

O piaga, que foge a estranhos olhos,

E vive e morre na floresta escura,

Repita o nome do cantor; nas águas

Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos

Uma sentida lágrima, arrancada

Do coração que ele tocara outrora,

Quando o ouviu palpitar sereno e puro,

E na voz celebrou de eternos carmes.

Morto, é morto o cantor dos meus guerreiros!

Virgens da mata, suspirai comigo!”

50

OS SEMEADORESxxiv

(Século XVI)

Eis aí saiu o que semeia a semear.

MATH. XIII, 3

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos, O doce fruto e a flor,

Acaso esquecereis os ásperos e amargos

Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;

Contudo, esses heróis

Souberam resistir na afanosa porfia

Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,

E a fé, e as orações

Fizeram transformar a terra pobre em rica

E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,

O frio, a descalcês,

O morrer cada dia uma morte sem nome,

O morrê-la, talvez,

Entre bárbaras mãos, como se fora crime,

Como se fora réu

Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime

De as levantar ao céu!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!

Venceste-a; e podeis

Entre as dobras dormir da secular mortalha;

Vivereis, vivereis!

51

A FLOR DO EMBIRUÇU

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?

FILINTO ELYSIO.

Quando a noturna sombra envolve a terra

E à paz convida o lavrador cansado,

À fresca brisa o seio delicado

A branca flor do embiruçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora

A noite amiga, ela recolhe alguma;

A vida bebe na ligeira bruma,

Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,

Quando tudo o que vive alma recobra,

Languidamente as suas folhas dobra,

E busca o sono quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira

E odeia a turba vã! da alma que sente

Agitar-se-lhe a asa impaciente

E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,

E quando a vida as lutas interrompe,

Ela da carne os duros elos rompe,

E entrega o seio às ilusões viçosas.

É tudo seu — tempo, fortuna, espaço,

E o céu azul e os seus milhões de estrelas;

Abrasada de amor, palpita ao vê-las,

E a todas cinge no ideal abraço.

O rosto não encara indiferente,

Nem a traidora mão cândida aperta;

Das mentiras da vida se liberta

E entra no mundo que jamais não mente.

Noite, melhor que o dia; quem não te ama?

Labor ingrato, agitação, fadiga,

Tudo faz esquecer tua asa amiga

Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora

Em que o último olhar o sol lhe estende,

Vive, embala-se, orvalha-se, recende,

E as folhas cerra quando rompe a aurora.

LUA NOVAxxv

Mãe dos frutos, Jaci, no alto espaço

Ei-la assoma serena e indecisa:

Sopro é dela esta lânguida brisa

Que sussurra na terra e no mar.

Não se mira nas águas do rio,

Nem as ervas do campo branqueia;

Vaga e incerta ela vem, como a idéia

Que inda apenas começa a espontar.

E iam todos; guerreiros, donzelas,

Velhos, moços, as redes deixavam;

Rudes gritos na aldeia soavam,

Vivos olhos fugiam p"ra o céu:

Iam vê-la, Jaci, mãe dos frutos,

Que, entre um grupo de brancas estrelas,

Mal cintila: nem pôde vencê-las,

Que inda o rosto lhe cobre amplo véu.

***

E um guerreiro: “Jaci, doce amada,

Retempera-me as forças; não veja

Olho adverso, na dura peleja,

Este braço já frouxo cair.

Vibre a seta, que ao longe derruba

Tajaçu, que roncando caminha;

Nem lhe escape serpente daninha,

Nem lhe fuja pesado tapir.”

***

E uma virgem: “Jaci, doce amada,

Dobra os galhos, carrega esses ramos

Do arvoredo co"as frutas* que damos

Aos valentes guerreiros, que eu vou

A buscá-los na mata sombria,

Por trazê-los ao moço prudente,

Que venceu tanta guerra valente,

E estes olhos consigo levou.”

***

E um ancião, que a saudara já muitos,

Muitos dias: “Jaci, doce amada,

Dá que seja mais longa a jornada,

Dá que eu possa saudar-te o nascer,

Quando o filho do filho, que hei visto

Triunfar de inimigo execrando,

Possa as pontas de um arco dobrando

* No texto original consta *co‘as frutos,* sem errata.

53

Contra os arcos contrários vencer.”

***

E eles riam os fortes guerreiros,

E as donzelas e esposas cantavam,

E eram risos que d"alma brotavam,

E eram cantos de paz e de amor.

Rude peito criado nas brenhas,

— Rude embora — terreno é propício;

Que onde o gérmen lançou benefício

Brota, enfolha, verdeja, abre em flor.

54

SABINA

Sabina era mucama da fazenda;

Vinte anos tinha; e na província toda

Não havia mestiça mais à moda,

Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,

Nem tinha mãos para trabalho rude;

Desbrochava-lhe a sua juventude

Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,

Que com ela brincou sendo menina,

Sobre todas amava esta Sabina,

Com* esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,

Pensa nela o feitor; dizem que um dia,

Um hóspede que ali passado havia,

Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?

Não pôde haver o coração da bela.

Se alguém lhe acende os olhos de gazela,

É pessoa maior: é o senhor moço.

***

Ora, Otávio cursava a Academia.

Era um lindo rapaz; a mesma idade

Co"as passageiras flores o adornava

De cujo extinto aroma inda a memória

Vive na tarde pálida do outono.

Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas

Da primeira estação, porque tão cedo

Voais de nós? Pudesse ao menos a alma

Guardar consigo as ilusões primeiras,

Virgindade sem preço, que não paga

Essa descolorida, árida e seca

Experiência do homem!

***

Vinte anos

Tinha Otávio, e a beleza e um ar de côrte*

E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;

Um vero Adônis, como aqui diria

Algum poeta clássico, daquela

Poesia que foi nobre, airosa e grande

Em tempos idos, que ainda bem se foram...

* Corrigido pelo autor na errata. No texto consta *Como.*

* Mantivemos a acentuação do autor apenas para caracterizar a pronúncia fechada da vogal.

55

Também eu a adorei, uma hora ao menos,

E suspirei destes remotos climas

Pelas formosas ribas do Escamandro,

Onde descia, entre soldados gregos,

A moça Vênus; frívolo suspiro

Que não pode acordar dos seus sepulcros

Esses numes brincões da velha idade,

Mortos por seus pecados — que os tiveram,

E por sossego nosso. Eram amáveis

E belos no seu tempo; hoje fariam

Igual papel ao do tardio máscara

Que, ao desdobrar a aurora os panos de ouro,

Entre madrugadores se aventura.

***

Cursava a Academia o moço Otávio;

Ia no ano terceiro: não remoto

Via desenrolar-se o pergaminho,

Prêmio de seus labores e fadigas;

E uma vez bacharel, via mais longe

Os curvos braços da feliz cadeira

Donde o legislador a rédea empunha

Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,

Sobre os livros de estudo, gota a gota

As horas despendia, e trabalhava

Por meter na cabeça o jus romano

E o pátrio jus. Nas suspiradas férias

Volvia ao lar paterno; ali no dorso

De brioso corcel corria os campos,

Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,

À caça dos veados e cotias,

Ia matando o tempo. Algumas vezes

Com o padre vigário se entretinha

Em desfiar um ponto de intrincada

Filosofia, que o senhor de engenho,

Feliz pai, escutava glorioso,

Como a rever-se no brilhante aspecto

Do* suas ricas esperanças.

***

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito

Otávio; em quatro sorvos toda esgota

A taça de café. Chapéu de palha,

E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,

Passarinhar no mato. Ia costeando

O arvoredo que além beirava o rio,

A passo curto, e o pensamento à larga,

Como leve andorinha que saísse

Do ninho, a respirar o hausto primeiro

Da manhã. Pela aberta da folhagem,

Que inda não doura o sol, uma figura

* A forma provável da preposição é *de.* Manteve-se conforme registra o original.

Deliciosa, um busto sobre as ondas

Suspende o caçador. Mãe d''água fora,

Talvez , se a cor de seus quebrados olhos

Imitasse a do céu: se a tez morena,

Morena como a esposa dos Cantares,

Alva tivesse; e raios de ouro fossem

Os cabelos da cor da noite escura,

Que ali soltos e úmidos lhe caem,

Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,

Cabelo negro, os largos olhos brandos

Cor de jabuticaba, quem seria,

Quem, senão a mucama da fazenda,

Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,

E nela os olhos espantados fita

Que desejos acendem. — Mal cuidando

Daquele estranho curioso, a virgem

Com os ligeiros braços rompe as águas,

E ora toda se esconde, ora ergue o busto,

Talhado pela mão da natureza

Sobre o modelo clássico. Na oposta

Riba suspira um passarinho; e o canto,

E a meia luz, e o sussurrar das águas,

E aquela fada ali, tão doce vida

Davam ao quadro, que o ardente aluno

Trocara por aquilo, uma hora ao menos,

A Faculdade, o pergaminho e o resto.

***

Súbito erige o corpo a ingênua virgem;
Com as mãos, os cabelos sobre a espádua
Deita, e rasgando lentamente as ondas,
Para a margem caminha, tão serena,
Tão livre como quem de estranhos olhos
Não suspeita a cobiça...Véu da noite,
Se lhos cobrira, dissipara acaso
Uma história de lágrimas. Não pode
Furtar-se Otávio à comoção que o toma;
A clavina que a esquerda mal sustenta
No chão lhe cai; e o baque surdo acorda
A descuidada nadadora. Às ondas
A virgem torna. Rompe Otávio o espaço
Que os divide; e de pé, na fina areia,
Que o mole rio lambe, ereto e firme,
Todo se lhe descobre. Um grito apenas
Um só grito, mas único, lhe rompe
Do coração; terror, vergonha... e acaso
Prazer, prazer misterioso e vivo
De cativa que amou silenciosa,
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,

Ali com ela, a suspirar por ela.

***

“Flor da roça nascida ao pé do rio,

Otávio começou — talvez mais bela

57

Que essas belezas cultas da cidade,

Tão cobertas de jóias e de sedas,

Oh! não me negues teu suave aroma!

Fez-te cativa o berço; a lei somente

Os grilhões te lançou; no livre peito

De teus senhores tens a liberdade,

A melhor liberdade, o puro afeto

Que te elegeu entre as demais cativas,

E de afagos te cobre! Flor do mato,

Mais viçosa do que essas outras flores

Nas estufas criadas e nas salas,

Rosa agreste nascida ao pé do rio

Oh! não me negues teu suave aroma!”

***

Disse, e da riba os cobiçosos olhos

Pelas águas estende, enquanto os dela,

Cobertos pelas pálpebras medrosas

Choram — de gosto e de vergonha a um tempo,

Duas únicas lágrimas. O rio

No seio as recebeu; consigo as leva,

Como gotas de chuva, indiferente

Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;

Que assim a natureza, ingênua e dócil

Às leis do Criador, perpétua segue

Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem

Padecer e saber que sente e morre.

***

Pela azulada esfera inda três vezes

A aurora as flores derramou, e a noite

Vezes três a mantilha escura e larga

Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,

Anjo das virgens, anjo de asas brancas,

Pudor, onde te foste? A alva capela,

Murcha e desfeita pelo chão lançada,

Coberta a face do rubor do pejo,

Os olhos com as mãos velando, alçaste

Para a Eterna Pureza o eterno vôo.

***

Quem ao tempo cortar pudera as asas

Se deleitoso voa? Quem pudera

Suster a hora abençoada e curta

Da ventura que foge, e sobre a terra

O gozo transportar da eternidade?

Sabina viu correr tecidos de ouro

Aqueles dias únicos na vida

Toda enlevo e paixão, sincera e ardente

Nesse primeiro amor d''alma que nasce

E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,

Consciência; razão, tu lhe fechavas

A vista interior; e ela seguia

58

Ao sabor dessas horas mal furtadas

Ao cativeiro e à solidão, sem vê-lo

O fundo abismo tenebroso e largo

Que a separa do eleito de seus sonhos,

Nem pressentir a brevidade e a morte!

***

E com que olhos de pena e de saudade

Viu ir-se um dia pela estrada fora

Otávio! Aos livros torna o moço aluno,

Não cabisbaixo e triste, mas sereno

E lépido. Com ela a alma não fica

De seu jovem senhor. Lágrima pura,

Muito embora de escrava, pela face

Lentamente lhe rola, e lentamente

Toda se esvai num pálido sorriso

De mãe,

***

Sabina é mãe; o sangue livre

Gira e palpita no cativo seio

E lhe paga de sobra as dores cruas

Da longa ausência. Uma por uma, as horas

Na solidão do campo há de contá-las,

E suspirar pelo remoto dia

Em que o veja de novo... Pouco importa,

Se o materno sentir compensa os males.

***

Riem-se dela as outras; é seu nome

O assunto do terreiro. Uma invejosa

Acha-lhe uns certos modos singulares
De senhora de engenho; um pajem moço,
De cobiça e ciúme devorado,
Desfaz nas graças que em silêncio adora
E consigo medita uma vingança.
Entre os parceiros, desfiando a palha
Com que entrança um chapéu, solenemente
Um Caçanje ancião refere aos outros
Alguns casos que viu na mocidade
De cativas amadas e orgulhosas,
Castigadas do céu por seus pecados,
Mortas entre os grilhões do cativeiro.

***

Assim falavam eles; tal o aresto
Da opinião. Quem evitá-lo pode
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna
Haja tecido o berço? Assim falavam
Os cativos do engenho; e porventura
Sabina o soube e o perdoou.

59

***

Volveram

Após os dias da saudade os dias

Da esperança. Ora, quis fortuna adversa

Que o coração do moço, tão volúvel

Como a brisa que passa ou como as ondas,

Nos cabelos castanhos se prendesse

Da donzela gentil, com quem atara

O laço conjugal: uma beleza

Pura, como o primeiro olhar da vida,

Uma flor desbrochada em seus quinze anos,

Que o moço viu num dos serões da corte

E cativo adorou. Que há de fazer-lhes

Agora o pai? Abençoar os noivos

E ao regaço trazê-los da família.

***

Oh longa foi, longa e ruidosa a festa

Da fazenda, por onde alegre entrara

O moço Otávio conduzindo a esposa.

Viu-os chegar Sabina, os olhos secos

Atônita e pasmada. Breve o instante

Da vista foi. Rápido foge. A noite

A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;

Voa, não corre ao malfadado rio,

Onde a voz escutou do amado moço.

Ali chegando: “Morrerá comigo

O fruto de meu seio; a luz da terra

Seus olhos não verão; nem ar da vida

Há de aspirar...”

***

Ia a cair nas águas,

Quando súbito horror lhe toma o corpo;

Gelado o sangue e trêmula recua,

Vacila e tomba sobre a relva. A morte

Em vão a chama e lhe fascina a vista;

Vence o instinto de mãe. Erma e calada

Ali ficou. Viu-a jazer a lua

Largo espaço da noite ao pé das águas,

E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;

Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

ÚLTIMA JORNADAxxvi

Ils croyent les âmes eternelles, et celles qui ont bien merité des dieux estre

logees à l''endroict du ciel où le soleil se leve; les mauldictes, du costé de l''occident.

MONTAIGNE, *Essais*, liv, I c. XXX

I

E ela se foi nesse clarão primeiro,

Aquela esposa mísera e ditosa;

E ele se foi o pérfido guerreiro.

Ela serena ia subindo e airosa,

Ele à força de incógnitos pesares

Dobra a cerviz rebelde e lutuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,

Deixando em baixo as fértiles* campinas,

E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh! cândidas lembranças infantinas!

Oh! vida alegre da primeira taba!

Que aurora vos tomou, aves divinas?

Como um tronco do mato que desaba,

Tudo caiu; lei bárbara e funesta:

O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

De esperanças tamanhas o que resta?

Uma história, uma lágrima chorada

Sobre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar magoada,

E talvez a guardou no seio amigo,

Como lembrança da estação passada.

Agora os dois, deixando o bosque antigo,

E as campinas, e os rios e os palmares,

Para subir ao derradeiro abrigo,

Iam cortando lentamente os ares.

II

E ele clamava à moça que ascendia:

“— Oh! tu que a doce luz eterna levas,

E vás viver na região do dia,

Vê como rasgam bárbaras e sevas

As tristezas mortais ao que se afunda

* Foi mantida a forma *fertiles* e não *férteis* em razão da métrica.

Quase na fria região das trevas!

Olha esse sol que a criação inunda!

Oh quanta luz, oh quanta doce vida

Deixar-me vai na escuridão profunda!

Tu ao menos perdoa-me, querida!

Suave esposa, que eu ganhei roubando,

Perdida agora para mim, perdida!

Ao maldito na morte, ao miserando,

Que mais lhe resta em sua noite impura?

Sequer alívio ao coração nefando.

Nos olhos trago a tua morte escura.

Foi meu ódio cruel que há decepado,

Ainda em flor, a tua formosura.

Mensageiro de paz, era enviado

Um dia à taba de teus pais, um dia

Que melhor fora se não fora nado.

Ali te vi; ali, entre a alegria

De teus fortes guerreiros e donzelas,

Teu doce rosto para mim sorria.

A mais bela eras tu entre as mais belas,

Como no céu a criadora lua

Vence na luz as vividas estrelas.

Gentil nasceste por desgraça tua;

Eu covarde nasci; tu me seguiste;

E ardeu a guerra desabrida e crua.

Um dia o rosto carregado e triste

À taba de teus pais volveste, o rosto

Com que alegre e feliz dali fugiste.

Tinha expirado o passageiro gosto,

Ou o sangue dos teus, correndo a fio,

Em teu seio outro afeto havia posto.

Mas, ou fosse remorso, ou já fastio,

Ias-te agora leve e descuidada,

Como folha que o vento entrega ao rio.

Oh! corça minha fugitiva e amada!

Anhangá te guiou por mau caminho,

E a morte pôs na minha mão fechada.

Feriu-me da vingança agudo espinho;

E fiz-te padecer tão cruas penas,

Que inda me dói o coração mesquinho.

Ao contemplar aquelas tristes cenas,

62

As aves, de piedosas e sentidas,

Chorando foram sacudindo as penas.

Não viu o cedro ali correr perdidas

Lágrimas de materno amado seio;

Viu somente morrer a flor das vidas.

O que mais houve da floresta em meio

O sinistro espetáculo, de certo

Nenhum estranho contemplá-lo veio.

Mas, se alguém penetrasse no deserto

Vira cair pesadamente a massa

Do corpo do guerreiro; e o crânio aberto,

Como se fora derramada taça,

Pela terra jazer, ali chamando

O feio grasno do urubu que passa.

Em vão a arma do golpe irão buscando,

Nenhuma houve; nem guerreiro ousado

A tua morte ali foi castigando

Talvez, talvez Tupã, desconsolado,

A pena contemplou maior do que era

O delito; e de cólera tomado,

Ao mais alto dos Andes estendera

O forte braço, e da árvore mais forte

A seta e o arco vingador colhera;

As pontas lhe dobrou, da mesma sorte

Que o junco dobra, sussurrando o vento,

E de um só tiro lhe enviou a morte.”

Ia assim suspirando este lamento,

Quando subitamente a voz lhe cala,

Como se a dor lhe sufocara o alento.

No ar se perdera a lastimosa fala,

E o infeliz, condenado à noite escura,

Os dentes range e treme de encontrá-la.

Leva os olhos na viva aurora pura

Em que vê penetrar, já longe, aquela

Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a tímida gazela

Foge e se perde; assim no azul dos mares

Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu flutuar nos ares;

Que ele, bebendo as lágrimas que chora,

Na noite entrou dos imortais pesares,

E ela de todo mergulhou na aurora.

OS ORIZESxxvii

(FRAGMENTO)

I

Nunca as armas cristãs, nem do Evangelho

O lume criador, nem frecha estranha

O vale penetraram dos guerreiros

Que, entre serros altíssimos sentado,

Orgulhoso descansa. Único o vento,

Quando as asas desprega impetuoso,

Os campos varre e as selvas estremece,

Um pouco leva, ao recatado asilo,

Da poeira da terra. Acaso o raio

Alguma vez nos ásperos penedos,

Com fogo escreve a assolação e o susto.

Mas olhos de homem, não; mas braço afeito

A pleitear na guerra, a abrir ousado

Caminho entre a espessura da floresta,

Não afrontara nunca os atrevidos

Muros que a natureza a pino erguera

Como eterna atalaia.

II

Um povo indócil

Nessas brenhas achou ditosa pátria,

Livre, como o rebelde pensamento

Que ímpia força não doma, e airoso volve

Inteiro à eternidade. Guerra longa

E porfiosa os adestrou nas armas;

Rudes são nos costumes mais que quantos

Há criado este sol, quantos na guerra

O tacape meneiam vigoroso.

Só nas festas de plumas se ataviam

Ou na pele do tigre o corpo envolvem,

Que o sol queimou, que a rispidez do inverno

Endureceu como os robustos troncos

Que só verga o tufão. Tecer não usam

A preguiçosa rede em que se embale

O corpo fatigado do guerreiro,

Nem as tabas erguer como outros povos;

Mas à sombra das árvores antigas,

Ou nas medonhas cavas dos rochedos,

No duro chão, sobre mofinas ervas,

Acham sono de paz, jamais tolhido

De ambições, de remorsos. Indomável

Essa terra não é; pronto lhes volve

O semeado pão; vicejam flores

Com que a rudez tempera a extensa mata,

E o fruto pende dos curvados ramos

Do arvoredo. Harta messe do homem rude,

64

Que tem na ponta da farpada seta

O pesado tapir, que lhes não foge,

Nhandu, que à flor de terra inquieta voa,

Sobejo pasto, e deleitoso e puro

Da selvagem nação. Nunca vaidade

De seu nome souberam, mas a força,

Mas a destreza do provado braço

Os foros são do império a que hão sujeito

Todo aquele sertão. Murmuram longe,

Contra eles, as gentes debeladas

Vingança e ódio. Os ecos repetiram

Muita vez a pocema de combate;

Nuvens e nuvens de afiadas setas

Todo o ar cobriram; mas o extremo grito

Da vitória final só deles fora.

III

Despem armas de guerra; a paz os chama

E o seu bárbaro rito. Alveja perto

O dia em que primeiro a voz levante

A ave sagrada, o nume de seus bosques,

Que de agouro chamamos, Cupuaba

Melancólica e feia, mas ditosa

E benéfica entre eles.xxviii Não se curvam

Ao nome de Tupã, que a noite e o dia

No céu reparte, e ao ríspido guerreiro

Guarda os sonhos do Ibaque e eternas danças.

Seu deus único é ela, a benfazeja

Ave amada, que os campos despovoa

Das venenosas serpes — viva imagem

Do tempo vingador, lento e seguro,

Que as calúnias, a inveja e o ódio apagam,

E ao conspurcado nome o alvor primeiro

Restitui. Uso é deles celebrar-lhe

Com festas o primeiro e o extremo canto.

IV

Terminara o cruento sacrifício.

Ensopa o chão da dilatada selva

Sangue de caititus, que o pio intento

Largos meses cevou; bárbara usança

Também de alheios climas. As donzelas,

Mal saídas da infância, inda embebidas

Nos ledos jogos de primeira idade,

Ao brutal sacrifício... Oh! cala, esconde,

Lábio cristão, mais bárbaro costume.

V

65

Agora a dança, agora alegres vinhos,

Três dias há que de inimigos povos

Esquecidos os trazem. Sobre um tronco

Sentado o chefe, carregado o rosto,

Inquieto o olhar, o gesto pensativo,

Como alheio ao prazer, de quando em quando

À multidão dos seus a vista alonga,

E um rugido no peito lhe murmura.

Quem a fronte enrugara do guerreiro?

Inimigo não foi, que o medo nunca
O sangue lhe esfriou, nem vão receio
Da batalha futura o desenlace
Lhe fez incerto. Intrépidos como ele
Poucos vira este céu. Seu forte braço,
Quando vibra o tacape nas pelejas,
De rasgados cadáveres o campo
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,
Como um grito de morte a voz lhe soa.
Nem só nas gentes o terror infunde;
É fama que em seus olhos cor da noite,
Inda criança, um gênio lhe deixara
Misteriosa luz, que as forças quebra
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia
(A tribo o conta, e seus pajés o juram)
Um dia em que, do filho acompanhado,
Ia costeando a orla da floresta,
Um possante jaguar, escancarando
A boca, em frente do famoso chefe
Estacara. De longe um grito surdo
Solta o jovem guerreiro; logo a seta

Embebe no arco, e o tiro sibilante

Ia já disparar, quando de assombro

A mão lhe afrouxa a distendida corda.

A fera o colo tímida abatera,

Sem ousar despregar os fulvos olhos

Dos olhos do inimigo. Ureth ousado

Arco e frechas atira para longe,

A massa empunha, e lento, e lento avança;

Três vezes volteando a arma terrível,

Enfim despede o golpe; um grito apenas.

Único atroa o solitário campo,

E a fera jaz, e o vencedor sobre ela.

NOTAS

(No original, o autor usou letras e não números, para marcar as notas)

i Simão de Vasconcelos não declara o nome da índia, cuja ação refere em sua *Chronica.*

Achei que não foi o caso desta tamoia o único em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e cristã.

O padre Anchieta, na carta escrita ao padre-mestre Lainez, a 16 de abril de 1563, menciona o exemplo de uma índia, mulher de um colono, a qual, depois de lho matarem os índios, caiu em poder destes, cujo Principal a quis violentar. Ela resistiu e desapareceu. Os índios fizeram correr a voz de que se matara; Anchieta supõe que eles mesmos lhe tiraram a vida. Caso análogo é referido pelo padre João Daniel (*Tesouro descoberto no Amazonas*, p. 2a, cap. III); essa chamava-se Esperança e era da aldeia de Cabu.

ii A vila de S. Vicente.

iii Tinham os índios a religião monoteísta que a tradição lhes atribui? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excelente estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupã* nas tribos que freqüentou, e ser inadmissível a idéia de tal deus, no estado rudimentário dos nossos aborígenes.

O Sr. Dr. Magalhães restitui aos selvagens a teogonia verdadeira. Não integralmente, mas só em relação ao sol e à lua (*Coaraci* e *Jaci*), acho notícia dela no *Thesouro* do padre João Daniel (citado na nota 1); e o que então faziam os índios, quando aparecia a lua nova, me serviu à composição que vai incluída neste livro (pag. 58)

Sem embargo das razões alegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestável procedência, conservei Tupã nos versos que ora dou a lume; fi-lo por ir com as tradições literárias que achei, tradições que nada valem no terreno da investigação científica, mas que têm por si o serem aceitas e haverem adquirido um como direito de cidade.

iv É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra e de outras, como *pocema, muçurana, tangapema, canitar,* com as quais todo leitor brasileiro está já familiarizado, graças ao uso que delas têm feito poetas e prosadores. É

também desnecessário fundamentar com trechos das crônicas a cena do sacrifício do prisioneiro, na estância XI; são coisas comezinhas.

v Simão de Vasconcelos (*Not. Do Brasil.* Liv 2º) citando Marcgraff e outros autores, conta, como verdadeira, a fábula a que aludem estes versos. Aproveitou-se dali uma comparação poética: nada mais.

vi Veja G. Dias, *Últimos cantos,* pág 159:

...Quanto o meu corpo

À terra, mãe comum...

vii *Anagê*, na língua geral, quer dizer gavião.

viii Não sabido, ainda hoje o digo sem armar à contestação dos benévolos. Mas havia uma razão para mais escrever aquelas palavras quando compus este pequeno poema; destinava-o à publicação anônima, o que se verificou nas colunas do *Jornal do Commercio* em junho e agosto de 1870, tendo por assinatura um simples Y.

ix Tratando de descobrir a significação de *Panenioxe*, conforme escreve Rodrigues Prado, apenas achei no escasso vocabulário gnaicuru, que vem de Aires do Casal, a palavra *nioxe* traduzida por jacaré. Não pude acertar com a significação do primeiro membro da palavra, *pane;* há talvez relação entre ele e o nome do rio Ipané.

x “Estas duas armas (lança e facão) têm sido tomadas aos portugueses e espanhóis, e algumas compradas a estes que inadvertidamente lhas têm vendido” (*RODRIGUES PRADO, História dos Índios Cavaleiros.)* 67

xi Nanine é o nome transcrito na *História dos Índios Cavaleiros.* Na língua geral temos *niaani,* que Martius traduz por *infans*. Esta forma pareceu mais graciosa; e não duvidei adotá-la, desde que o meu distinto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, no dialeto guaicuru, de que ele há feito estudos, *niani* exprime a idéia de *moça franzina, delicada,* não lhe parecendo que exista a forma

empregada na monografia de Rodrigues Prado.

xii Os Guaicurus dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e cativos. Do próprio texto que me serviu para esta composição se vê até que ponto repugna aos nobres toda a aliança com pessoas de condição inferior.

A este propósito direi a anedota que me foi referida por um distinto oficial de nossa armada, o capitão-de-fragata Sr. Henrique Batista, que em 1857 esteve no Paraguai comandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe guaicuru, Capitãozinho, muito amigo da nossa oficialidade. Tinha ele uma irmã, que outro chefe guaicuru, Lapagata, cortejava e desejava receber por esposa. Lapagata recebera o título de capitão das mãos do presidente de Mato-Grosso.

Opunha-se com todas as forças ao enlace o Capitãozinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Batista porque motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu o altivo Guaicuru:

— Oponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pai, que já o era por herança do pai dele.

Lapagata é capitão de papel.

xiii As bocaiúvas servem de alimento aos Guaicurus; nas proximidades de sazonarem os cocos fazem eles grandes festas. (Veja CASAL e PRADO.)

xiv Tais eram os adornos das mulheres guaicurus (Veja PRADO, CASAL e D"AZARA.) xv “As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o próprio noivado.” (AIRES DO CASAL, *Corog., 280.)*

xvi Cédron, como se sabe, é o nome da torrente que atravessa o vale de Josafá. Lê-se em Chateaubriand que durante uma parte do ano fica seca; por ocasião de temporais ou nas primaveras chuvosas rola umas águas avermelhadas.

xvii Alude a um trecho do profeta Daniel:

“*9 – E lavei-te na água, e alimpei-te do teu sangue, e te ungi com óleo.*

13 – E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de linho e de roupas bordadas, e de diversas cores: nutriste-te da farinha e de mel e de azeite, e foste mui

aformoseada em extremo.‖

(DANIEL, XV)

xviii Rebeca, filha da Mesopotâmia.

xix Bento do Amaral Gurgel, que dirigiu a companhia de estudantes por ocasião daquela e da seguinte invasão, em 1711.

xx Ângela pratica o inverso daquele conselho atribuído aos rabinos de Constantinopla, respondendo aos judeus de Espanha, isto é, que batizassem os corpos, conservando as almas firmes na Lei. Ângela conserva o batismo da alma, e entrega o corpo ao suplício como se fosse verdadeiramente judeu. Nega a fé com os lábios, confessando-a no coração: maneira de conciliar o sentimento cristão e a piedade filial. Era mais ortodoxo, de certo, confessar publicamente a fé, sem nenhum respeito humano; cumpre observar, porém, que isto é uma composição poética, não um compêndio de doutrinas morais.

xxi Compus estes versos por ocasião de ser inaugurada a estátua do patriarca da Independência, em 7 de setembro de 1873.

Pediu-mos o Sr Comendador J. Norberto de S. S., ilustrado vice-presidente do Instituto Histórico e membro da comissão que promovera aquele monumento. Não podia haver mais agradável tarefa do que esta de prestar homenagem ao honrado cidadão, cujo nome a história conserva ligado ao do Fundador do Império.

.

xxii A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hangá.* É outro caso (veja a nota 3) em que fui antes com a maneira corrente e comum na poesia.

xxiii Não é original esta composição; o original é propriamente indígena. Pertence à tribo dos Mulcogulges, e foi traduzida da língua deles por Chateaubriand (*Voy. dans l'Amer).* Tinham aqueles selvagens fama de poetas e músicos, como os nossos Tamoios. "Na terceira noite da festa do milho, lê-se no livro de Chateaubriand, reúnem-se no lugar do conselho; e disputam o prêmio do canto. O prêmio é conferido pelo chefe e por maioria de votos: é um ramo de

carvalho verde. Concorrem as mulheres também, e algumas têm saído vencedoras; uma de suas odes ficou célebre."

A ode célebre é a composição que trasladei, para a nossa língua. O título na tradução em prosa de Chateaubriand é — *Chanson de la chair blanche.*

Sobre o talento das mulheres para a poesia, também o tivemos em tribos nossas. Veja FERNÃO

CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão.*

xxiv Il y aurait une fort grande injustice à juger les jesuites du seizième siècle et leurs travaux, d"après les idèes que peut inspirer le système suivi dans les missions. Là on peut voir des projets ambitieux s"allier à des vues habiles: dans les premiers travaux executés par les pères de la compagnie, au Brésil, tout fut desinteressé; et au besoin, le récit de leurs souffrances pourrat le prouver. (F. DÈNIS, *Le Brésil.)* xxv "...E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando aparece nova; porque então saem de suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na e dão-lhe as boas-vindas. (JOÃO DANIEL *Thes. Descob.*

no Amaz., part 2a, cap X.)

xxvi Não me recordo de haver lido nos velhos escritos sobre os nossos aborígenes a crença que Montaigne lhes atribui acerca das almas boas e más. Este grande moralista tinha informações geralmente exatas a respeito dos índios; e a crença de que tratamos traz certamente um ar de verossimilhança. Não foi só isso o que me induziu a fazer tais versos; mas também o que achei poético e gracioso na abusão.

xxvii Tinha planeado uma composição de dimensões maiores, e não levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso eminente poeta e literato de Porto Alegre, hoje Barão de Santo Ângelo, quem, há cerca de 4 anos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes Conquistados,* que vem na *Revista do Instituto Histórico,* t. VIII.

A aspereza dos costumes daquele povo, habitante do sertão da Bahia, cerca de duzentas léguas da capital, sua rara energia, as circunstâncias singulares da conquista e conversão da tribo, eram certamente um quadro excelente para uma

composição poética. Ficou um fragmento, que ainda assim não quis excluir do livro.

NOTA DO ORGANIZADOR: No original do poema citado o título apresenta a grafia *Orises* xxviii “Lastimosamente cegos de discurso, reconhecem e adoram por deus a coruja, chamada na sua linguagem

Oitipô-cupuaaba; e o motivo de sua adoração consiste no benefício que recebeu desta ave, que, naturalmente, inimiga das cobras, numerosíssimas naquele país, as espia nos matos, e lhes tira a vida.” (J.F. MONTERROYO

MASCARENHAS, *Os Orizes Conquistados.)*